

# FABULÁRIOS

as águas, suas gentes, memórias,  
plantas, bichos e outros seres

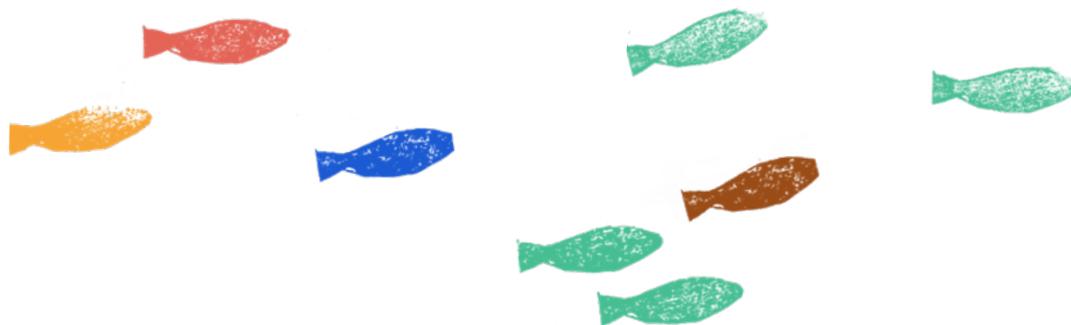
## CARTOGRAFIA DAS ÁGUAS

Um mergulho na  
exposição *Fabulários*  
e nas práticas  
escolares de Canoas

Casa dos Rosa, Canoas-RS  
2 de setembro a 3 dezembro de 2023

# FABULÁRIOS

as águas, suas gentes, memórias,  
plantas, bichos e outros seres



## **CARTOGRAFIA DAS ÁGUAS** **Um mergulho na exposição *Fabulários*** **e nas práticas escolares de Canoas**

### **Organização**

Ana Carol Thomé  
Ana Paula Campos  
Bruna Martins  
Gabriela Romeu  
Luísa Capalbo  
Thais Caramico

Vermelho Produções, 1ª Edição, 118 páginas  
Canoas-RS, dezembro de 2023



## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

---

Romeu, Gabriela

Cartografia das águas: um mergulho na exposição Fabulários e nas práticas escolares de Canoas / Autores: Gabriela Romeu [et al.] ; Organizadores: Ana Carol Thomé [et al.] ; Ilustrações: Bruna Martins. São Paulo : Vermelho Produções, 2023.  
118 p. : il. : ebook.

ISBN: 978-65-982195-0-5

1. Educação infantil. 2. Artes. 3. Infância. 4. Meio ambiente.  
5. Natureza. 6. Rios I. Thomé, Ana Carol. II. Campos, Ana Paula.  
III. Martins, Bruna. IV. Menezes, Luísa Capalbo. V. Caramico, Thaís.  
VI. Dallacort, Adriana da Silva Guerra. VII. Smidt, Aline da Silveira.  
VIII. Larini, Aline. IX. Centeno, Ana Paula. X. Rodriguez, Anaitê.  
XI. Soares, Cláudia Maria Guardiola. XII. Storck, Enilda. XIII.  
Sampaio, Janaína da Cunha. XIV. Alves, Fernanda. XV. Silva,  
Franciele Vanzella da. XVI. Freitas, Jéssica. XVII. Silva, Jonathan  
Zotti da. XVIII. Silva, Rosângela Camargo Fiuza da. XIX.  
Tomaszewski, Tânia Márcia. XX. Reginato, Tanise. XXI. Gavião,  
Juliane Soares Falcão. XXII. Martins, Penélope. XXIII. Título.

CDD 372.21

---

Bibliotecário Responsável: Oscar Garcia - CRB-8/8043

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Educação infantil 372.21



ISBN: 978-65-982195-0-5

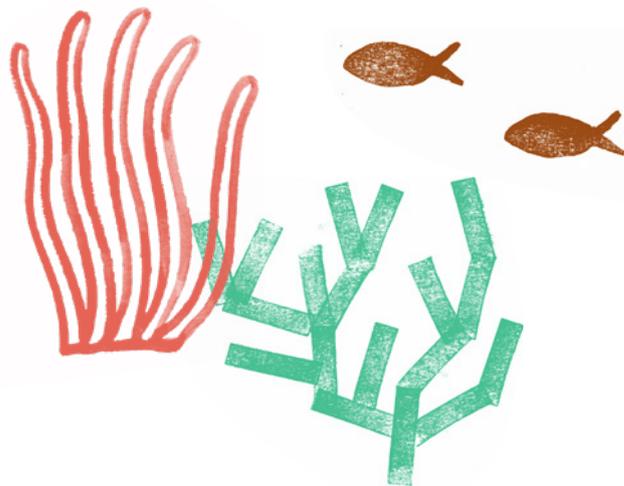




**Assista ao  
making-of  
da exposição!**



# SUMÁRIO



## PARTE 1

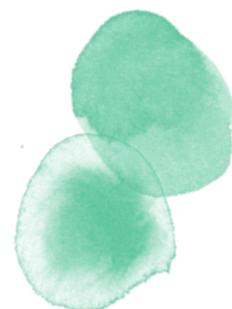
- 7** **Fabulistas por natureza**  
Gabriela Romeu
- 13** **As águas e as infâncias**  
Ana Carol Thomé
- 16** **As crianças e os livros-natureza**  
Thais Caramico
- 19** **Canoas literárias**  
Luísa Capalbo

## PARTE 2

- 25** **Sobre *Fabulários***
- 27** **Chegança: um convite ao mergulho**  
Penélope Martins
- 31** **Por dentro da exposição**

## PARTE 3

- 74** **Das histórias dos nossos rios a uma rede colaborativa de formação**  
Juliane Soares Falcão Gavião
- 80** **As práticas nas escolas de Canoas**  
Professores da Rede Municipal
- 117** **Ficha técnica**



# PARTE 1

## **Fabulistas por natureza**

Gabriela Romeu

## **As águas e as infâncias**

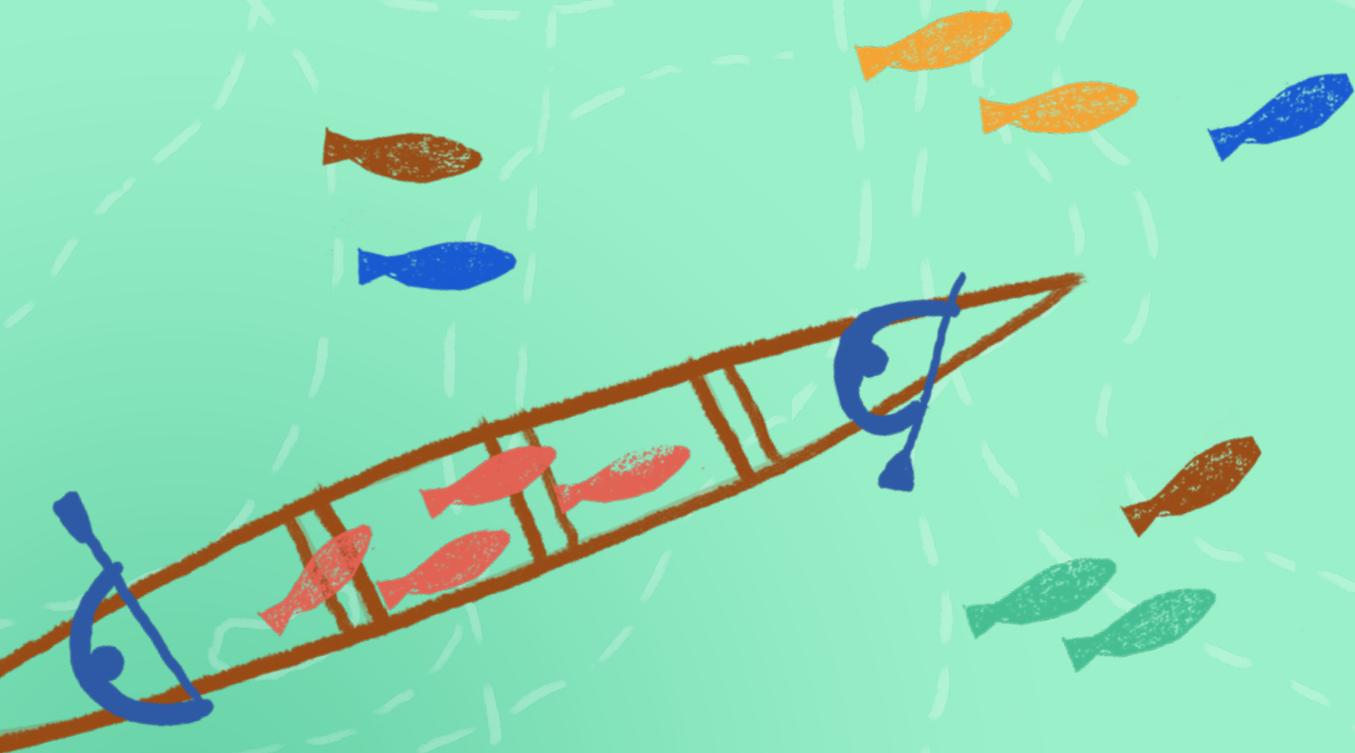
Ana Carol Thomé

## **As crianças e os livros-natureza**

Thais Caramico

## **Canoas literárias**

Luísa Capalbo



## FABULISTAS POR NATUREZA

**Gabriela Romeu**

“Veja você, Lorenz, nós, os homens do sertão, somos fabulistas por natureza; já no berço recebemos este dom para toda a vida. Desde pequenos estamos escutando as narrativas multicoloridas dos velhos, os contos e lendas, e também nos criamos em um mundo que às vezes pode se assemelhar a uma lenda cruel. Deste modo a gente se habitua, e narra estórias que corre por nossas veias e penetra em nosso corpo, em nossa alma, porque o sertão é a alma de seus homens (...) Deus meu! No sertão o que pode uma pessoa fazer do seu tempo livre a não ser contar estórias.”  
João Guimarães Rosa em diálogo com Gunter W. Lorenz

*Fabulários – As águas, suas gentes, memórias, plantas, bichos e outros seres* é uma exposição que conta estórias e histórias, a contrapelo da História, essa com h maiúsculo que escapa da maioria dos livros. É originária de igarapés, furos, sangas, corixos e corguinhos, entre outros atalhos das águas, ouvindo as fabulações de meninas e meninos, mulheres e homens, velhos e velhas e todos os demais seres dos Brasis e seus pluriversos das beiras e beiradas, onde “o rio nasce da boca de um peixe”, “pescador se farta na enchente”, “tainha é peixe de mar que tem saudade de rio” e “água brota do batimento do coração”.

Uma exposição que vem a bordo de longas incursões do *Infâncias*, projeto que registra os imaginários das crianças pelos Brasis, e também de outros percursos em que adentrei os reinos das águas dos quais por décadas versou o amazonense Thiago de Mello. *Fabulários* nasce e desagua de alguns exercícios, entre eles a ativação do estado de escuta, algo que aprendemos a acessar com as crianças das beiras de rios caudalosos de

histórias e mundos porvir. Um estado de escuta que nos coloca em conexão com o poético, a matéria da poesia, advinda das pessoas, dos lugares, das coisas, dos bichos e tantos seres, visíveis ou invisíveis.

Por essas rotas, uma frase só de uma criança em uma beirada bastava se a escuta estivesse ativada, alargada. Foi nas margens do rio Amazonas, por exemplo, que um menino me contou da sensação de viver na cheia, quando as águas sobem e se espalham, e ocupam todos os lugares. Ele falou da saudade de pisar o chão e então eu logo me enchi de imagens de pés vestindo canoas. Essa frase tão curtinha, de tão poucas palavras, foi imensa em mim.

## Infâncias

O *Infâncias* ([www.projetoinfancias.com.br](http://www.projetoinfancias.com.br)) é um projeto multiplataforma. Para disseminar os muitos saberes das crianças mundo afora, seus conteúdos resultam em produções audiovisuais, publicações, artigos, exposições, palestras e oficinas, entre diversos outros materiais de mediação. Nos últimos anos, produziu uma série de reportagens intitulada *Quintais*, publicada no jornal Folha de S.Paulo; artigos publicados em revistas, sites e livros; os documentários *Meninos e reis* (2016) e *No meu quintal mora um rio* (2018); os livros *Terra de cabinha - Pequeno inventário da vida de meninos e meninas do sertão* (2016) e *Lá no meu quintal - O brincar de meninas e meninos de norte a sul do país* (2019), ambos pela editora Peirópolis; minidocs para a exposição *Trilhas do Brincar* (Sesc Santos, Sesc Santo André e Sesc Araraquara); a exposição itinerante *Infâncias*; a instalação *Inventário dos cabinhas* (Sesc Santo André) e agora a mostra *Fabulários*, que traz as infâncias das águas. Independente, o *Infâncias* foi criado pelas jornalistas Gabriela Romeu e Marlene Peret em 2 de fevereiro de 2012 – sim, é lemanjá quem abre nossas estradas, por terra e por mar! E tem como parceiro o fotógrafo cearense Samuel Macedo.

O estado de escuta provoca em nós um silêncio ativo, cheio de outras vozes. Uma frase, uma pergunta, um gesto podem abrir paisagens interiores. Então esse estado de escuta inaugura em nós mais do que a poesia, ativa um desejo do poético. Talvez porque a criança opere nesse desejo do poético, pois está o tempo todo investigando os arredores (também seus interiores) e sabe atalhos para acessar a palavra em estado de brinquedo. Um brinquedo que ela olha, chacoalha, morde, quebra, engole, mastiga e, então, cospe, devolvendo ao mundo a sua própria essência. Como diz Octavio Paz, a poesia “revela este mundo; cria outro”. É o que a criança faz em suas construções, revela e reinventa. A criança transforma a própria percepção de mundo com a experiência poética, as duas coisas se misturam e se alimentam. O estado de infância é um estado de experiência poética.

Mas seguimos ainda pelas investigações de um ouvir ativo. O estado de escuta acordado na imensidão da natureza potencializa ainda mais essa experiência poética. A pergunta a um pantaneiro na beira do rio Paraguai, diante daquele espraiar de águas, é o mesmo que acionar o “esticador de horizontes” das palavras do poeta matogrossense Manoel de Barros. A resposta é quase soprada pelo vento e tem um tempo singular, um tempo que quase apalpamos, tão largo.

Manoel de Barros fala desses apetrechos para nomear “instrumentos de trabalho” que guarda num velho baú. Quais os instrumentos de um poeta? Gosto de pensar nesses instrumentos inventados pela poesia para nos ajudar a tatear melhor os pluriversos das infâncias. E uso o tatear, em vez de ver, pois as crianças olham com as mãos, apreendem do seu lugar tateando a todo instante, buscando alcançar as muitas peles do mundo e todas as línguas que delas emanam.

Com meus poucos “instrumentos de trabalho” em mãos, a maioria inventados, fui também criando meus brinquedos de palavras, em forma de verbetes, receitas, mapas, lampejos, frases-poemas, diversos deles organizados no livro *Diário das águas*, ilustrado pela poesia de Kammal João. A obra é em parte o que vazou de mim depois de muitos mergulhos pelas infâncias das águas, em que a poesia saltava tal peixe das práticas



cotidianas, de uma situação, um encontro, uma observação, um objeto, vistos de outro jeito, em muitos deslocamentos.

No caminho, fui acessando outras cosmopercepções a partir de uma fala das infâncias das águas, aberta e polissêmica, que, assim como a poesia, não prescinde de um discurso lógico, guarda paradoxos e não teme incompletudes. Falares pescados em conversas longas, caudalosas, e, quando emergem como esse peixe que salta, ganham a força da concisão poética. Lampejos e saltos poéticos que moram no livro *Diário das águas* e se espalharam feito água de enchente na exposição *Fabulários* – e já não sei mais separar essas águas.

Águas de uma cartografia que mistura o vivido e real com o imaginado e sonhado, pois, como ensina o poeta e pesquisador da cultura amazônica e de seu imaginário, o professor João de Jesus Paes Loureiro, há no rio e no viver das margens das águas um “mistério encantatório magicamente real”. Ao navegar pelos mitos encharcados de poesia da Amazônia em sua desproporcional solidão de rios e florestas, ele enfatiza que a “dimensão mítica é essencial à poesia”. Uma atmosfera que circunda a exposição, assim como o livro que a precede.

## **Diário das águas**

Uma das obras que bastante inspira a exposição *Fabulários* é o livro *Diário das águas* (2022), escrito por Gabriela Romeu, ilustrado por Kammal João e publicado pela editora Peirópolis. Numa escrita diarística, o livro reúne verbetes, receitas, mapas, perguntas, narrativas curtas e poemas que trazem as experiências das beiradas de rios brasileiros, entre eles o Amazonas, o Tapajós, o Madeira, o Xingu, o Paraguai e o São Francisco. Com escritos que navegam pelas águas do real, a obra premiada como O Melhor Livro de Poesia pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ) é um mergulho poético nos viveres, saberes e fazeres de ribeirinhos, vazanteiros, barranqueiros e pantaneiros. Um livro que busca o estado de contemplação das crianças imersas em contextos de natureza, evidenciando que a poesia tem origem na natureza manifesta em muitas paisagens de infâncias.

Por essa cartografia das águas, busquei me banhar em outras grafias. Uma espécie de *infanciografias* das águas, ou uma escrita em direção às crianças das águas, foi se tecendo em percurso. *Infanciografias* é só o meu jeito de dizer das muitas formas de manifestações e escritas das infâncias. As crianças escrevem de muitos modos e assim se inscrevem no mundo. Para isso, basta a gente estar atento para ler, ver, ouvir, escutar, aprender. Assim vamos fabulando com elas e seus olhares inaugurais, desautomatizados, nada gastos de ver.

As escritas das infâncias extrapolam o modo verbal, para além das palavras, faladas e escritas. São escritas com todo o corpo e todos os sentidos, pois é assim que as crianças falam de si e de seus pluriversos. É desse modo que as crianças falam a língua de seus cotidianos, como deixam transbordar seus imaginários e sonhos, como elaboram e ressignificam seus mundos.

Para infanciografar, vale ouvir as crianças de muitos jeitos: em suas perguntas, falas, gestos, movimentos, silêncios, olhares, fazeres. As crianças (assim como a poesia) ensinam que nem todos os silêncios precisam ser preenchidos, mais vale o estado interrogante da vida. A criança vive intensamente este estado de perguntação. Pergunta também como forma de (re)existir. E éfabula por natureza – e precisão. Por esta cartografia das águas e seus muitos atalhos, que as infâncias sigam nos ensinando a éfabular.

**Gabriela Romeu** é jornalista, escritora, pesquisadora, idealizadora do projeto *Infâncias* e curadora de *Fabulários*.



## AS ÁGUAS E AS INFÂNCIAS



**Ana Carol Thomé**

Águas e infâncias. Água é substância fundamental da vida. Água é um princípio ativo da infância. Um dos brinquedos mais brincados no planeta: seja da gota, da poça, da onda, da chuva, do fluxo, dos caminhos, dos rios. Quando água e criança se juntam, a brincadeira é quase que imediata.

Em cada canto do Brasil, as diversas infâncias têm relações singulares com as águas. Mas que águas as crianças que estão perto de nós têm habitado? Quantas oportunidades as crianças têm de viver os rios, as marés, as chuvas, ou, ainda, uma bacia cheia de água?

É fato que como sociedade estamos pautando cada vez mais um estilo de vida em espaços menores, mais fechados e cimentados, além do tempo maior em frente às telas. Assim, para muitas crianças, a escola é o local onde elas têm a garantia de vivências e experiências essenciais para sua infância. É na escola que podem ter espaço e tempo para poder sentir a água escorrendo entre os dedos, encher potes de diferentes tamanhos e formatos, passar o conteúdo de um recipiente a outro, experimentar o fluxo entre funis, canos, bambus, e então observar a permeabilidade dos materiais, das gotinhas tocando o dorso das mãos, para banhar-se de corpo inteiro, investigar transformações da matéria, mudanças de cores, reflexos, sons, e os movimentos provocados por seu salto na poça e tantas outras brincadeiras.

Este é um elemento que convida a brincar com sua fluidez e transformações, que provoca sensações. Por isso as crianças podem brincar com água! As crianças precisam brincar com água! E nós, educadores, temos como um dos papéis da profissão apoiar o desenvolvimento das crianças, criando urgentemente possibilidades para que essa brincadeira aconteça.

Muitas pesquisas acontecem no momento em que as crianças brincam com a água. Nesse momento, é possível observar os objetivos de desenvolvimento e aprendizagem em pleno processo. O que se vê, portanto, é um currículo vivo acontecendo, e que não se restringe à etapa da Educação Infantil.

Conforme crescemos, a palavra brincar parece não caber mais nas nossas atividades, mas ela está presente! Para crianças maiores, jovens, e até mesmo adultos, provocar experiências sensíveis é uma oportunidade de aprender com o corpo todo.

Promover bons encontros entre infância e as águas é inundar as crianças, que acabaram de estreitar no planeta, de boas experiências consigo mesmas e com o mundo. Inundar suas vivências, seus repertórios, suas memórias, suas aprendizagens. Brincar com a natureza é fundamental para o desenvolvimento infantil integral. É na e com a natureza que temos as condições necessárias para crescer, afinal somos natureza.





## Como temos feito isso?

A intencionalidade permeia todas as ações dos educadores. Quando colocamos atividades com água no planejamento, há muito a se pensar:

### **Quais materiais criam bons diálogos com a água?**

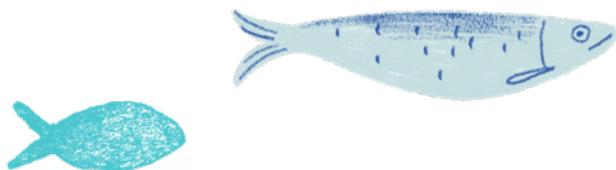
Encher, esvaziar, fluir, misturar, gotejar, escorrer, umedecer, encharcar, desaguar, jorrar, flutuar, afundar, transvasar, derramar. Quando pensamos em ações possíveis com este elemento, conseguimos visualizar um amplo repertório de materiais. Importante também é considerar as pesquisas das crianças, valorizando os caminhos que elas estão seguindo a partir do que estão vivendo.

### **Quais os melhores espaços para a água fluir?**

Os espaços externos são sempre os melhores para receber as experiências com água! Afinal, por mais que tentamos controlar este elemento, ele derrama, escorre, espalha e flui. Por menor que seja a quantidade de água, estejam preparados para isso. Vale também lembrar questões de segurança, como pisos que ficam muito escorregadios e molhados. E tenha sempre à mão materiais que vão te ajudar conforme a brincadeira for encerrando. Sim, estamos falando de rodo e panos de chão.

### **Quais águas podem se fazer presentes?**

Infelizmente não são todas as infâncias do Brasil que têm um rio no quintal. Então de onde podem vir as águas para a brincadeira? Para além da torneira, é possível brincar com a água da chuva. Começou a desaguar água dos céus? Coloque bacias e colete-a. Faça isso com as crianças, é encantador. Mas atenção: por segurança, não faça isso em caso de raios e trovões.



**Ana Carol Thomé** é idealizadora do programa Ser Criança é Natural e formadora de professores em *Fabulários*.

# AS CRIANÇAS E OS LIVROS-NATUREZA

**Thais Caramico**

Os livros são experiências indiretas com a natureza, que promovem contemplações, diálogos imaginativos, informações, exercícios de alteridade e conexões diversas com a natureza. Em *Fabulários*, tudo principia da literatura, e por isso garantimos uma biblioteca-canoa, maré cheia de bibliodiversidade nessa temática, o que explicaremos mais adiante.

Como sabemos, a infância traz a potência de invento, de sonho, de descaminho, de poéticos exercícios de existência. Penso que isso é falar de natureza – dos seres humanos, das plantas, dos animais e de tudo que integra os movimentos, as relações e a vida no universo. Pesquisar os livros de natureza, para mim, também parte do desejo de olhar com mais atenção, cuidado e foco o universo vivencial, simbólico e experiencial das crianças em relação à natureza e o livro ilustrado, duas coisas que deveriam ser comuns às infâncias.

Acredita-se que o livro de natureza possa ajudar a aguçar as percepções e os vínculos, e então garantir, posteriormente, uma experiência mais emocionante, concreta e acessível com o meio natural. E se levarmos em conta que vivemos numa sociedade onde há um “déficit de natureza”, termo cunhado pelo pesquisador estadunidense Richard Louv no livro “A última criança na natureza”, é muito interessante pensarmos que a experiência do livro pode ajudar a restituir um vínculo quebrado, trazendo interação e cultivando a curiosidade natural das crianças através da beleza (poética e subjetividade) dessas obras.

Ao falarmos sobre natureza, livros e infância, portanto, estamos falando sobre sonhar um outro mundo possível, esse “futuro ancestral” que nos foi apresentado por Ailton Krenak. Estar em contato com esse objeto é ter a possibilidade de despertar sentidos, ou seja, de viver uma experiência estética que interpreta o mundo “lá fora”.

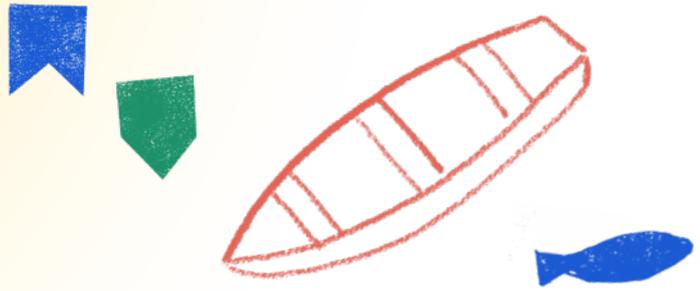
Nesses livros para as infâncias, através do foco narrativo oferecido pelos escritores e ilustradores, o leitor é convidado a uma atitude de contemplação e reflexão. O mundo da natureza traz consigo o mundo da arte e também informações do mundo científico. Penso, assim, que a leitura da natureza gera no leitor a capacidade de prestar atenção e compreender, ampla, profundamente e com novos olhares, um desenho de mundo possível com o qual sonhamos.

Penso no livro sobre natureza como uma fonte de esperança e de renovação, de um novo olhar sobre a infância capaz de nos guiar a redescobrir o vínculo entre as crianças e a terra, as sementes e o vento. Ao entrar em contato com esse objeto, sinto uma mensagem profunda na renovação da natureza. Por isso acredito que devemos estar atentos e aprender a ouvir a natureza através dos livros. Não só isso, os deslocamentos de perspectiva e a tomada de (novas) posições são possibilidades abertas pela leitura do texto literário – uma experiência que, pautada pela pluralidade de sentidos, desvela os mecanismos de alienação e dominação social e pode contribuir para a ampliação da autoconsciência e da consciência crítica dos leitores, cumprindo, portanto, com o potencial humanizador e político da literatura.

**Thais Caramico** é jornalista, pesquisadora da relação com a natureza nos livros para as infâncias e integrante do Educativo em *Fabulários*.



## CANOAS LITERÁRIAS



**Luísa Capalbo**

A seleção de livros que compõe o acervo das Canoas Literárias busca refletir não apenas a forma com que *Fabulários* foi concebida – uma viagem Brasis e infâncias adentro – mas também revelar a própria narrativa que os espaços expositivos tecem pelo caminho de visitação: um mergulho nas águas, culturas e naturezas brasileiras.

Uma vez que as histórias, imaginários, fic es e não fic es foram entendidos como um dos alicerces da exposi o, a escolha dos livros foi ponto de partida para que o projeto e trajeto educativo encontrassem seus próprios contornos. Em um primeiro encontro, quando *Fabulários* ainda era semente, nos reunimos em volta de uma mesa acolhedora, com bolo, café e suco, e mergulhamos em alguns livros que tínhamos em mãos. Eles nos mostraram o caminho a ser seguido, algo como sentir os bons ventos. A partir de então, cada um deles foi nos apresentando outros, fosse pela rela o temática ou pela abordagem sensível que nos servia de norte.

Ao passo que as Canoas iam tomando forma, *Fabulários* já não era apenas semente. E, por meio de idas e vindas entre acervo expositivo e acervo literário, e de muitos mergulhos profundos em pesquisas, bibliotecas e livrarias, a sele o enfim chegou   superfície dessas  guas.

O acervo conta com narrativas que exaltam a força, a importância e a potência da natureza. Também buscam demonstrar as muitas rela es que nós tecemos com ela, afinal,



dela também fazemos parte. A maior parte dos livros é um convite para o imaginário, ficções que nos fazem aprender sobre a vida, sobre nós mesmos e que nos fazem viajar por entre outros mundos – ainda que os livros informativos escolhidos também nos permitam o mesmo.

Por fim, por mais que a seleção tenha sido feita com base nas faixas etárias para as quais a exposição era destinada, entendemos que, para construir uma canoa, são necessárias muitas mãos, tradições, culturas e ancestralidades, fazendo com que o acervo seja um convite para todos que queiram navegar por essas águas.

**Luísa Capalbo** é arquiteta, facilitadora de projetos infantis junto à comunidade e integrante do Educativo em *Fabulários*.

## Lista de livros disponíveis para apreciação em Fabulários

**A Árvore do Brasil**, Nelson Cruz, 2009, Peirópolis

**ABC da Água**, Selma Maria e Nina Anderson, 2014, Panda Books

**Água**, Subhash Vyam e Gita Wolf, 2019, FTD

**Amazonas no Coração Encantado da Floresta**, Thiago de Mello, 2003, Cosac e Naify

**Amazônia: e eu com isso?**, Nurit Bensusan, Taisa Borges, 2023, Peirópolis

**A Água e a Água**, Mia Couto e Danuta Wojciechowska, 2019, Companhia das Letrinhas

**A Floresta**, Irena Freitas, 2021, Companhia das Letrinhas

**A Floresta Canta! Uma Expedição Sonora por Terras Indígenas do Brasil**, Berenice de Almeida, Magda Pucci e Joana Resek, 2014, Peirópolis

**A Gota de Água**, Inês Castel-Branco, 2018, Telos

**A Ialorixa e o Pajé**, Mãe Stella de Oxóssi e Enéas Guerra, Solisluna

**A Pescaria do Curumim e Outros Poemas Indígenas**, Tiago Hakyi e Taísa Borges, 2023, Panda Books

**A Professora da Floresta e a Grande Serpente**, Irene Vasco e Juan, 2021, Pulo do Gato

**Água Sim**, Eucanaã Ferraz e Andrés Sandoval, 2011, Companhia das Letrinhas

**Aqui Estamos Nós**, Oliver Jeffers, 2018, Salamandra

**Árvores do Brasil: Cada Poema no Seu Galho**, Lalau e Laurabeatriz, 2017, Peirópolis

**Árvores Geniais**, Philip Bunting e Gilda de Aquino, 2022, Brinque-Book

**A Sujeira que Fizemos**, Michelle Lord, Julia Blattman e Alexandre Boide, 2022, Melhoramentos

**A Vida na Água**, Rambharos Jha, 2016, WMF Martins Fontes

**As Fabulosas Fábulas de Iauaretê**, Kaká Werá Jecupé e Sawara, 2007, Peirópolis

**As Maravilhas da Água**, Philip Bunting e Lígia Azevedo, 2023, Brinque-Book

**As Serpentes que Roubaram a Noite e Outros Mitos**, Daniel Mundukuru, 2001, Peirópolis

**Beata, a Menina das Águas**, Elaine Marcelina e Ani Ganzala, 2021, Malê

**Bicho? Que Bicho?**, Edith Chacon e Joana Velozo, 2021, Tigrito

**Bichos Que Existem e Bichos Que Não Existem**, Arthur Nestrovski e Maria Eugênia, 2022, Companhia das Letrinhas

**Caderno Alado**, Cristina Porto e Ricardo Costa, 2017, Edições Barbatanas

**Caminhos do São Francisco**, Cristina Porto e Luiz Maia, 2017, FTD

**Cantigas por Um Passarinho à Toa**, Manoel de Barros e Kammal, 2018, Companhia das Letrinhas

**Chão de Peixes**, Lúcia Hiratsuka, 2018, Companhia das Letrinhas

**Chuva Gente**, Cristino Wapichana e Graça Lima, 2022, Leiturinha

**Contos da Floresta**, Yaguarê Yamã e Luana Geiger, 2012, Peirópolis

**Cozinhando no Quintal**, Renata Meirelles, 2009, Terceiro Nome

**Das Guerras dos Mares e Das areias: Fábula Sobre as Marés**, Pedro Veludo e Murilo Silva, 2013, Quatro Cantos

**De Quem é Esse Ninho?**, Penélope Martins e Mara Oliveira, 2023, Chuá Editora.

**Diário das Águas**, Gabriela Romeu e Kammal, 2022, Peirópolis



**Esperando a Chuva**, Véronique Vernet, Pulo do Gato

**Espinho de Arraia**, Roger Mello, 2023, Global

**Fio de Rio**, Anita Prades, 2020, WMF Martins Fontes

**Formosuras do Velho Chico**, Lalau e, 2015, Peirópolis

**Guayarê: O Menino da Aldeia do Rio**, Yguarê Yamã, 2020, Biruta

**Há Prendizajens com o Xão**, Ondjaki, Pallas

**Histórias da Cazumbinha**, Meire Cazumbá e Marie Ange Bordas, 2010, Companhia das Letrinhas

**Histórias Guardadas pelo Rio**, Lúcia Hiratsuka, 2018, SM

**Infinitos Azuis**, Lindomar Silva e Camilo, 2023, Quatro Cantos

**Irmãs da Chuva**, Gabriela Romeu e Anabella López, 2023, Peirópolis

**Kianda: A Sereia de Angola que Veio Visitar o Brasil**, Raul Lody, 2022, Companhia das Letrinhas

**Lá Fora – Guia para Descobrir a Natureza**, Maria Ana Peixe Dias, Inês Teixeira do Rosário e Bernardo P. Carvalho, 2014, Planeta Tangerina

**Lá Longe**, Carolina Moreyra e Odilon Moraes, 2023, Companhia das Letrinhas

**Lá no Meu Quintal**, Gabriela Romeu, Marlene Peret e Kammal João, 2019, Peirópolis

**Lágrimas de Yemanjá**, Joanice Conceição e Iris Pirajá, 2023, Malê

**Lendas Amazônicas e Outras Histórias que Você Deveria Conhecer**, Marie Ange e Suzana Ventura, 2022, Florear Livros

**Livro da Lama: como fazer bolos e tortas**, John Cage e Louis Long, Ameli

**Mãe d'Água**, Bel Assunção Azevedo e Vivian, 2011, Ôzé

**Manaus**, Irena Freitas, 2019, Edições Barbatana

**Manual da Criança Caiçara**, Marie Ange Bordas e Henrique Ripari de Andrade, 2011, Peirópolis

**Maremoto**, Flávia Reis e Elisa, 2020, Ôzé

**Menina Mandioca**, Rita Carelli e Luci Sacoleira, 2022, Pallas

**Menininho**, Gabriela Romeu e Elisa, 2021, Panda Books

**Menino Trovão**, Kaka Wera, 2022, Moderna

**No Rempo do Verão: Um Dia na Aldeia Ashaninka**, Rita Carelli e Mariana Zanetti, 2018, SESI

**Nós: Uma Antologia de Literatura Indígena**, Mauricio Negro (Org.), 2019, Companhia das Letrinhas

**O Adeus do Marujo**, Flávia Bomfim, 2022, Pallas

**O Convidador de Pirlampo**, Ondjaki Pallas e António Jorge Gonçalves, 2017, Pallas

**Oikoá**, Felipe Valério e Luise Weiss, 2022, Ôzé

**Oir o Rio**, Adriano Messias e Bruna Lubambo, Sowilo

**O Menino e o Mar**, Lulu Lima e Lalan Bessoni, Mil Caramiolas

**O Menino e o Vento**, Regina Machado, 2015, Companhia das Letrinhas

**Onda**, Suzy Lee, 2017, Companhia das Letrinhas

**O Quintal da Minha Casa**, Fernando Nuno e Bruno Nunes, 2021, Companhia das Letrinhas

**O Caminho da Gota d'Água**, Natália Quinderé, 2009, Editora 34

**O Dragão do Mar**, Sonia Rosa e Anabella López, 2020, Pallas Mini

**O Pequeno Manual de Peixes Marinhos e Outras Maravilhas Aquáticas**, Beatriz Chachamovits, 2018, Companhia das Letrinhas

**O Pássaro Encantado**, Eliane Potiguara e Aline Abreu, 2014, Jujuba

**O Poder da Natureza**, Bráulio Tavares e Jô Oliveira, 2013, Editora 34

**O que Vamos Construir**, Oliver Jeffers , 2020, Salamandra

**O Rio**, Bartolomeu Campos de Queirós e Camila Carrossine, 2019, Global

**O Rio dos Jacarés**, Gustavo Roldán e Thaisa Burani, 2017, Boitempo Editorial

**Os Olhos do Jaguar**, Yguarê Yamã e Rosinha, 2021, Jujuba

**Pelo Rio**, Vanina Starkoff, 2013, Pallas Mini

**Poeminhas da Terra**, Márcia Leite e Tatiana Moés, 2016, Pulo do Gato

**Qual é Seu Norte: Viagem pelo Brasil**, Silvana Salerno, 2012 , Companhia das Letrinhas

**Quando Cai a Noite**, Clara Gavilan, 2021, Tigrito

**Sabedoria das Águas**, Daniel Mundukuru e Fernando Vilela, 2004, Global

**Sagatrissuinorana**, João Luiz Guimarães e Nelson Cruz, 2021, Ôzé

**Se Você Quiser Ver Uma Baleia**, Erin E. Stead, Julie Fogliano, 2013, Pequena Zahar

**Seu Tainha**, Janaína de Figueiredo e Bruna Lumbambo, 2022, Tigrito

**Sinfonias da Amazônia**, Lalau e Laurabeatriz, 2021, Peirópolis

**Suponhamos**, Ivar da Coll e Márcia Leite, 2023, Pulo do Gato

**Talvez Você Consiga**, Imogen Foxell, Anna Cunha e Leo Cunha, 2023, Companhia das Letrinhas

**Tanto Mar**, Tatiana Salem Levy e Andrés Sandoval, 2013, Galerinha

**Tapajós**, Fernando Vilela, 2014, Brinque-Book

**Terra de Cabinha: Pequeno Inventário da Vida de Meninos e Meninas do Sertão**, Gabriela Romeu, Sandra Jávera e Samuel Macedo, 2016, Peirópolis

**Tomorumu: a Árvore do Mundo**, Maurício negro e Cristino Wapichana, 2021, Edições SM

**Uga. A Fantástica História de Uma Amizade Daquelas**, Kaká Werá Jecupé, Taisa Borges, 2023, Peirópolis

**Uma Floresta de Histórias**, Rina Singh , 2011, WMF Martins Fontes

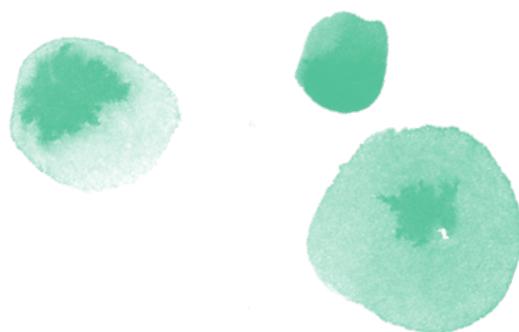
**Um Canto para o Rio**, Roberta Braginioni Fontes e Taisa Borges, 2020, Peirópolis

**Um Dia, um Rio**, Leo Cunha e André Neves, 2016, Pulo do Gato

**Vida Secreta das Árvores**, Bhajju Shyam, Durga Bai e Ramsingh Urveti, 2010, WMF Martins Fontes

**Vozes Ancestrais**, Daniel Mundukuru , 2016, FTD

**Yaromim**, Patricia Capella e Marília Pirillo, 2020, Quase Oito



## PARTE 2

**Sobre *Fabulários***

**Chegança: um convite  
ao mergulho**

Penélope Martins

**Por dentro da exposição**



## SOBRE FABULÁRIOS



*Fabulários: as águas, suas gentes, memórias, plantas, bichos e outros seres* é uma exposição cenográfica, interativa e lúdica, que leva o público infantil a navegar pelo universo das águas e sua biodiversidade. Nela, os visitantes podem conhecer os povos e as infâncias de suas beiradas, histórias, brincadeiras, tradições e sabenças. Como um laboratório e ateliê, *Fabulários* aborda, a partir de uma perspectiva poética, o patrimônio cultural das águas e a relação das infâncias com esse elemento tão essencial à vida.

A exposição, que teve sua primeira edição em Canoas (RS) de setembro a dezembro de 2023, partiu de um percurso de investigação, feito de perguntas e diálogos, no qual o público foi convidado a navegar pelo tema. Por meio de uma instalação multimídia, contextos investigativos das águas, embarcação com as paisagens das infâncias das beiradas, entidades dos rios que convidam a sentar e ouvir histórias, um riozinho de quintal para brincar e contemplar, uma oca e outras propostas de ateliês lúdico-exploratórios, *Fabulários* uniu jogos poéticos, sensibilizações, narrativas e oficinas de brincadeiras e saberes.

Nesse chamado, onde também foi possível encontrar o rio que corre bem dentro de nós, a mostra firmou-se como um convite para a pedagogia das águas! E é um pouquinho disso que temos nessa cartografia, navegada por muitas mãos.



## CHEGANÇA: UM CONVITE AO MERGULHO

**Penélope Martins**

Não é por acaso que nos emocionamos diante do esplendor das águas dos rios, lagos, cachoeiras e somos convocados por uma força misteriosa a pisar a beira do mar tomados por uma sensação de pertencimento. O nosso corpo é uma moringa, terra e água amalgamados em formas singulares. Carregamos água na mesma medida que somos gerados por ela em meio às ondas da lembrança de um útero que nos preparou para seguir viagem.

Os sentimentos despertam as águas, choramos de dor e também de alegria, salivamos quando nos deparamos com a ideia de saborear nossas predileções. Nesse sentido, a palavra seca não traz apenas a desolação de nos faltar hidratação para nossas funções vitais. A aridez nas relações humanas nos impede de realizar a harmonia necessária para trilharmos o caminho da realização plena, assim como a estiagem da imaginação pode significar o fim da esperança.

Ao passar pelo portal de *Fabulários*, com seus arcos de bambu que ecoam brisas de tantas histórias, a criança que nos habita pode escutar o rumor da nascente de suas águas. Flâmulas azuis e verdes retomam as velas das embarcações. Canoas oferecem seus nomes também às cidades que ocupamos como se fôssemos seus remadores, coordenados em movimentos, pareados com confiança para conduzir ao êxito nossas jornadas. A delicadeza da experiência de visitar a exposição é justamente dar espaço para que o pensamento dialogue com o emocional, pois, se na concepção da razão as águas se manifestam fora de nós, inclusive em fenômenos de desconsolo, por dentro intuimos a dependência dessa união com a natureza que nos constitui. No jardim, peneiras, cabaças e barquinhos de folha esperam fazer parte do brinquedo que criaremos. As mãos mergulham

na corredeira construída com caixas, bambus e pedras. Um espelho reflete o céu, e nele podemos ver as águas em nuvens prismáticas que transportam vento, brisa, sopro, sol, chuva, frio e calor. Um laboratório ao ar livre dispõe de tempo para as mais variadas fórmulas de bem viver serem manipuladas.

Será que podemos engarrafar um pouquinho da essência das águas límpidas da alegria? Apenas os cientistas fabulantes poderão responder a essa e outras inúmeras questões. Mas, antes, é preciso deitar sobre as esteiras de palha, na grande oca, ouvir os pássaros e sonhar. Afinal, o sonho é o portal para alcançarmos a sutileza que pode transformar a realidade. O bom é que *Fabulários* espera por todos os visitantes com uma equipe de navegadores que trazem consigo o grande mapa. Esses mediadores podem até nos ajudar a encontrar algumas respostas, mas o divertido será percebermos quantas novas perguntas brotarão a cada instante, inspirando um crescente desejo de fluir pela vida.

O ateliê está ilustrado por registros de cartões postais das pessoas que por ali passaram e não decidiram não ir embora. Deixaram escritos, desenhos, rastros, uma contribuição da memória. Cada lembrança e expressão de sentimento se alinha como um imenso bordado de rendeiras e rendeiras.

A sala de leitura é composta por muitas palavras afluentes. No chão, escrito em azul de água forte, os versos revelam poetas do próprio território, gente como a gente que vive e sente e diz as coisas até com silêncios. Podemos ler um livro, viajar com os filmes, brincar de capitanear nosso barco em rios. Na sala de projeção, sentados ou deitados no chão, poderemos respirar o som e as imagens de aquarela a desmanchar.

Uma pesca de peixes lúdicos e voadores aguarda para a parte final da visita. Sobre nossas cabeças, eles nadam. E nós, onde estaríamos se não no profundo de todas as histórias do mundo? A mudança de perspectiva não termina por aí. Tem farmácia de cura com águas catalogadas que nos oferece a possibilidade de criarmos para nós uma série de remédios de imaginação para curar nossas feridas. Imagine só um vidrinho de perfume de



cascata para trazer garra e determinação. Pode imaginar como será poderoso fabricarmos, para nosso uso contínuo, algumas águas fabulares que ajudam a conhecer o medo, a angústia, a tristeza, para transformá-los em diluições?

Se você não encontrar uma palavra para *Fabulários*, tranquilo. Tem certas coisas que nem precisamos dizer, basta deslizar pelas águas de nossas emoções e fazer parte do todo. Essa vivência pode ser um portal caleidoscópico para encontrarmos a voz que precisamos ouvir. O que somos, cada um, tão únicos e tão dependentes um do outro? Qual a complexidade do bioma que evoca das experiências do passado a necessidade de sermos todos juntos no presente? Imersos como seres naturais, do seixo da margem do rio às folhas mais longínquas das copas das árvores mais altas e todo o céu que flutua sobre elas, expandimos a imaginação para fabular o futuro.

**Penélope Martins** é escritora e narradora de histórias, autora de livros como *Uma boneca para Menininha* e *Pés descalços*.



## POR DENTRO DA EXPOSIÇÃO

Algumas foram as palavras que nortearam e contextualizaram a concepção de *Fabulários*, um mergulho que logo na chegada à Casa dos Rosa revela símbolos e bandeiras que aproximam os visitantes do imaginário das águas. Aqui, como verbetes, buscamos transbordar alguns significados e elucidar as formas com a qual elas se relacionam com este universo.





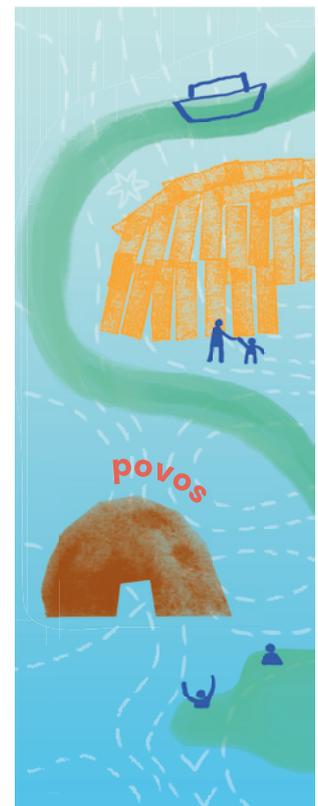
**Memórias**  
porque as águas  
tocam o coração.



**Brincadeira,**  
palavra que resume  
(ou amplia?) a  
linguagem das  
crianças. Aquilo  
que não se pode  
perder ou deixar  
de viver, nunca.



**Sabenças,** os  
segredos que os  
rios e os avós nos  
contam, o tempero  
da comida, o cheiro  
do vento, a cantiga  
de ninar. O tempo  
das coisas, e quanta  
coisa é a vida.



**Povos,** essa palavra  
cheia de gente e,  
por isso, cheia de  
diversidade. Do que  
deve ser natural,  
garantido, valorizado.



**Biodiversidade, a natureza em toda uma imensidão de rios, águas, matas, bichos, flores e frutos, gentes, Brasis.**



**Histórias porque toda narrativa é vida feita de lugares e pessoas, de cenários e personagens, de lembranças que se ampliam de boca em boca, de rio em rio, de geração em geração.**



**Infâncias como tempo de brincar, imaginar, descobrir; é palavra que carrega mundos e culturas diversas, mas universais na linguagem das crianças.**



**Tradições como saberes que se guardam e compartilham entre gerações. Manifestações do ser, que são muitos.**

## GUIA DE NAVEGAÇÃO E SEÇÕES

No percurso da exposição, o diálogo é com a poética das narrativas e efabulações de paragens aquáticas. Assim, adentramos o espaço expositivo pelas nascentes e olhos d'água e, em seguida, mergulhamos fundo no rio, pois as piabas há tempos nos ensinaram o caminho.

Ali brincamos de pescar peixes cheios de histórias e investigamos as águas. Nas margens, avistamos paisagens das infâncias dos rios e uma criatura das águas nos ensina muitas histórias que submergem das funduras. Então aportamos num ateliê de linguagens, de onde é possível descobrir que as brincadeiras seguem por um riozinho de contemplações, o qual deságua numa oca de sonoridades antigas, um jeito de escutar os rios e a nós mesmos.

E quando se parte para navegar, alguns instrumentos são necessários para que a rota, ainda que cheia de surpresas, possa ser planejada e contemplada. O Guia de Navegação é uma mistura de carta náutica, bússola, leme e luneta. Ou tudo isso junto, para que o caminho da exposição seja marcado por múltiplas possibilidades de encontro, revelando disparadores de atenção e curiosidade, perguntas que podem contribuir para que o percurso educativo seja amplo e permita experiências e transbordamentos para além do que se vê.

O Guia é um material impresso em tecido, para ser aberto e fechado a cada seção como forma de mediação do acervo. O monitor da vez é que irá conduzir os visitantes com o mapa em mãos. Nele estão impressas algumas perguntas que ajudam a guiar o percurso pelas sete ilhas-seções da exposição, como descrevemos a seguir. Aqui você já conhece um pouco sobre cada uma delas, de forma a contemplar seu caminho linear, suas respectivas instalações cenográficas e suas possibilidades.





## CHEGANÇA

### Sobre a ilha-seção

Um rio, quando encontra o outro, faz uma festa. Cresce e se transforma, mas ainda é. Isso também acontece quando os olhos curiosos navegam pelas infâncias de Fabulários, fazendo travessias por sete ilhas-seção em linha reta, curva, indo e vindo por histórias, brincadeiras, fotografias, vídeos e outras narrativas de quem tem saber das beiradas das águas. Tudo conflui. Nesse caminho, você poderá encontrar piaba que ensina a nadar, um boticário de investigar essências, cobra que abraça, fabulações, mapas, lampejos, verbetes, receitas, perguntas, chamados da natureza, ateliês que aportam os sentidos, uma canoa literária e muitos quintais banhados de brincadeiras. Navegue-se!

### O que se vê ali

Na chegada estão dispostas bandeiras cujas palavras designadas e ilustrações representadas são um convite para o público adentrar ao mergulho. Também existe um corredor de bambus que se aproxima do formato de uma canoa, reiterando a relação não apenas com o território, como também com o acervo exposto sobre as infâncias, as águas e as tradições culturais relacionadas.

### Perguntas do Guia de Navegação

Rio é feito só de água? O que mais ele guarda?  
Qual história de rio vive dentro de vocês?  
Brincadeiras são sabenças, memórias ou tradições?

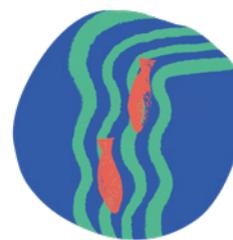
### Possibilidades de ir além

As perguntas disparadoras de curiosidade almejam extrapolar as palavras descritas nas bandeiras, que norteiam e contextualizam a exposição. Pensar no que um rio guarda é poder pensar em biodiversidade, fauna e flora, mas também nas histórias de rio

que você guarda. É, assim, um jeito de contemplar memórias, brincadeiras e afetos. Ou, ainda, sabenças e tradições desse lugar do brincar enquanto manifestação de vida, presente não só nas infâncias, mas em todos os tempos que habitamos.

É possível também aproximar a instalação às manifestações das Marujadas, que são folguedos típicos do Norte e do Nordeste do país, e que retratam, em forma de música, dança e canto, as descobertas marítimas e a vida dos marinheiros. Têm origem portuguesa nos séculos XVI e XVII. No início da manifestação, os marujos puxam uma pequena réplica de barco, para então começarem a dançar, cantar e tocar instrumentos percussivos – celebrando a temática a partir de cantos alegres e devoção religiosa, manifestada pela cultura e comunidade da qual fazem parte.





## O RIO É NOSSO AVÔ

### 🐟 Sobre a ilha-seção

Ao longo dos rios, o tempo é outro. Ancestral, carrega histórias vividas por quem é ou foi criança que sabe ouvir som de susto de peixe se enroscando no malho e conhece palavras aquáticas inundando de significado temporadas de cheia ou seca, vazante ou enchente. É onde se vive nas sabenças das margens, no tique-taque das corredeiras, dos acarís, das matas de igapó, das piracemas, dos começos, dos igarapés, das canoas e das marés. Nas beiradas, os sussurros revelam que o rio é como um contador de histórias bem velhinho, um avô que tudo lembra ou imagina.

Nesta sala, entre imagens e palavras, vá no tempo do rio se quiser pescar poesia.

### 🐟 O que se vê ali

Nestas salas “irmãs”, estão contempladas projeções visuais e sonoras que trazem parte do conteúdo do livro *Diário das Águas*. Palavras, desenhos, inventários das águas são apresentados para que se reconheça o rio enquanto ser vivo, ancestral, cheio de significados, memórias, aprendizados e culturas.

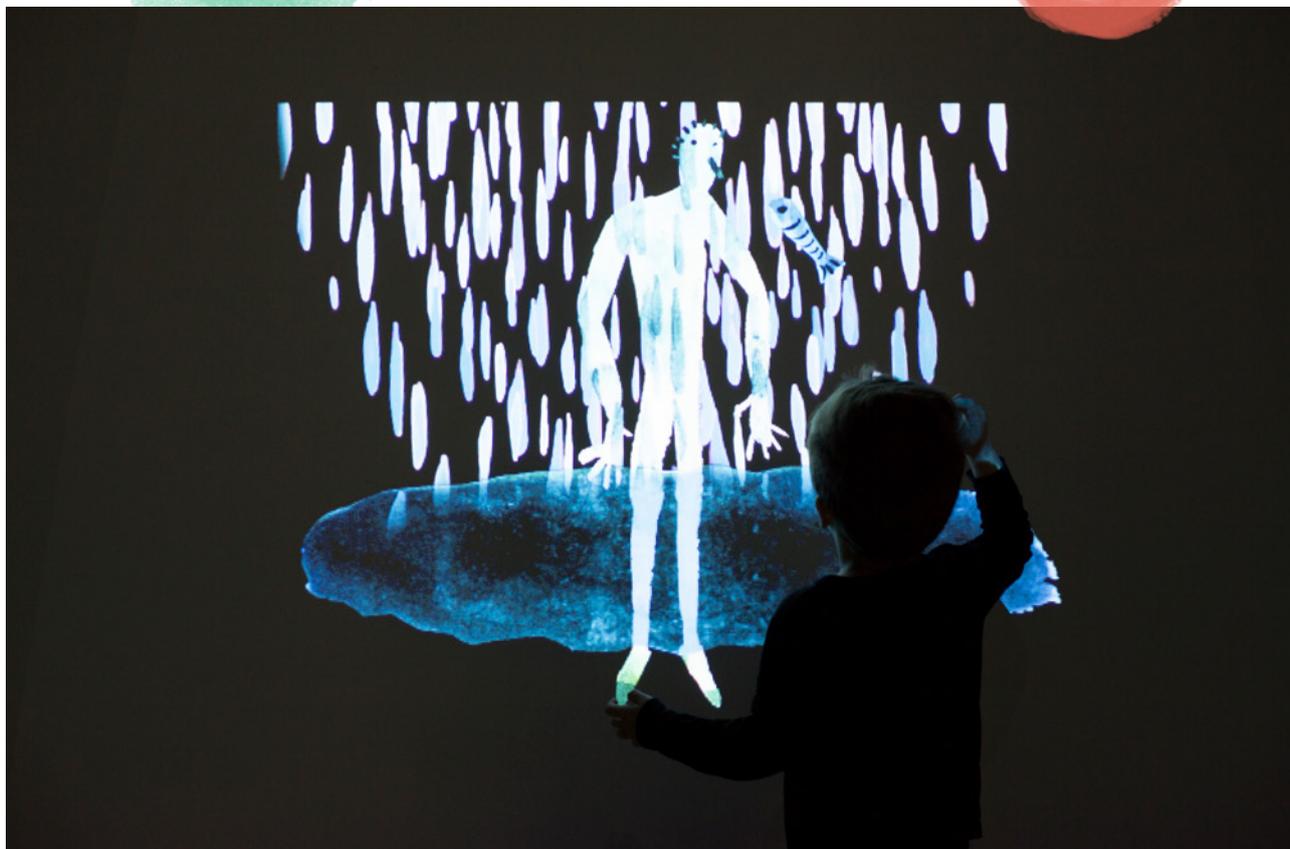
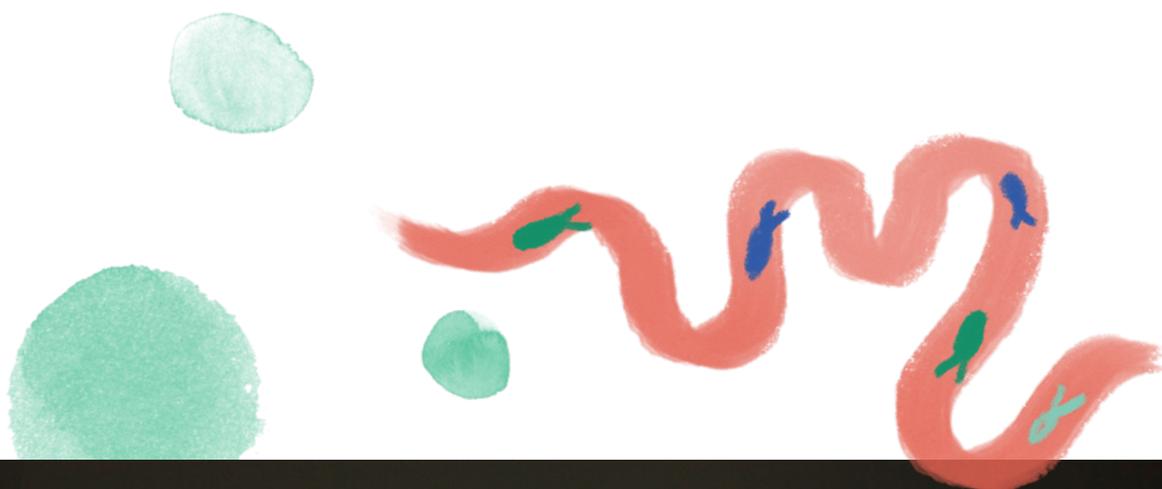
### 🐟 Perguntas do Guia de Navegação

O que um rio significa para vocês?  
Vocês vivem em tempo de rio? Sabem pelas águas se o dia está começando ou terminando, se é época de pesca ou navegação?  
Quais sons o rio traz?

### 🐟 Possibilidades de ir além

As perguntas estão bastante articuladas ao que está exposto nesta seção. A essência da sala é realmente esta: pensar nos múltiplos significados que um rio pode ter através das palavras,

sons e imagens que estarão projetadas. A seleção ou inventário destes verbetes nos remete aos tempos dos rios, tempos físicos, de cheias, de marés, mas também tempos simbólicos, ancestrais. O Rio aqui é visto como um avô por ser guardião de todas essas possibilidades, símbolos, histórias, sentidos e significados, e os disparadores objetivam esta sensibilidade.





## LABORATÓRIO DAS ÁGUAS

### Sobre a ilha-seção

Quando os pescadores do Recôncavo Baiano saem para mais um dia de pescaria, lançando suas redes nas águas, um chama o outro e grita: *Bora aventurar um peixe!* Nesta sala, é possível *aventurar* muitos deles, de diversos rios e tamanhos!

É uma pescaria que acontece num finzinho de tarde. Por isso pise firme e abra bem os olhos: lupa, caleidoscópio, lanterna e mesa de luz são traquitanas exploratórias para a sua expedição biodiversa nesta sala que é puro convite à investigação.

No mergulho, fique atento aos segredos e saberes que escondem aruanãs, lambaris, poraquês e pacus, quais lições guardam um pescador em seu caderninho e o que as crianças de diferentes beiradas investigam na ponta dos dedos.

Aqui se vê no miúdo, olhos curiosos para tudo as mãos tocarem.

### O que se vê ali

Esta é a sala das múltiplas possibilidades, onde os visitantes irão explorar com os olhos e com as mãos, com os demais sentidos e sensações. Uma pescaria aérea traz curiosidades e brincadeiras sobre os peixes da fauna brasileira. Um boticário traz as muitas águas que atravessam e preenchem o país. Um inventário de colecionador, de biólogo, é revelado quase como um museu de curiosidades, explorando a temática dos desenhos botânicos, as vivências dos pescadores e os habitares ribeirinhos. Um retroprojeter amplia o olhar a partir de slides com desenhos das crianças entrevistadas em pesquisa de campo. Nessas imagens, muitas outras histórias podem ser criadas a partir da imaginação dos visitantes. E traquitanas, muitas delas, estão nas mesas como um convite para esticar os olhares.



### Perguntas do Guia de Navegação

Toda água é igual? Ou cada uma é de um jeito e guarda saberes diferentes? Bora misturar os rios pra ver no que vai dar? Que segredos os peixes escondem debaixo d'água? Eles já te contaram algum?

Já imaginaram como é a vida de quem vive pertinho do rio todos os dias? Querem ver o diário de um pescador?

Que narrativas as águas contam nas imagens desta ilha? Veja os slides e crie suas histórias (e brincadeiras) a partir delas.

### Possibilidades de ir além

Misturar as águas do boticário para buscar entender quais elementos geográficos e culturais podem ser combinados, e o que pode sair a partir deles. Quer um exemplo? O que será que surge quando misturamos águas do Rio Xingu com as águas do Rio Tietê? Que misturas culturais podem aparecer? Pensar nos segredos que os peixes contam é, não só, enfatizar a brincadeira da pescaria instalada, mas despertar o corpo para este lugar

debaixo d'água, desconhecido, um outro mundo, tão cheio de diferenças e aventuras, para assim abrir novas janelas de histórias. Por fim, pensar na vida de quem vive próximo ao rio é considerar outros modos de vida, atentos à natureza, ao tempo cíclico, às necessidades que se suprem (ou não) a partir do que a terra e a água oferecem, e então encaminhar para a sala seguinte, que é uma imersão nestes habitares.

As instalações, uma vez sentidas e experimentadas com o corpo, são um início para que o mundo das águas se aprofunde. Talvez os visitantes saibam sobre outros peixes, se relacionem com as águas expostas ou tragam outras águas com as quais se relacionam, e então queiram contar sobre desenhos e diários, como possibilidades de construir novos mundos, com diferenças e semelhanças, do próprio universo.





## MARGEM DAS ÁGUAS

### Sobre a ilha-seção

As águas imprimem os ritmos da vida em suas gentes e seus modos imersos, saberes e convivências naturais. Por meio de fotos, vídeos e áudios, o rumo transborda diferentes rios brasileiros e nos apresenta imaginários, cotidianos e brincares de ribeiras, corguinhos, arroios e igarapés e seus muitos outros jeitos de nascer e correr.

Quem comanda nossa embarcação são meninas e meninos de muitas beiradas. Então navegue com as crianças das marujadas do Recôncavo Baiano ou mergulhe com o povo Xikrin lá do Pará. Se parar no mapa, desvende brinquedos das águas ou brincadeiras encharcadas de rio. Escute atentamente os encantos das funduras.

Quem nestas paragens tudo abraça é a grande mãe Serpente, símbolo da representação dos ciclos da vida e que hospeda quem puxar um livro da estante para nas histórias se encontrar.

### O que se vê ali

Esta é a grande sala das histórias. Assim, todas as instalações cenográficas foram pensadas de modo a acomodar o acervo. Uma embarcação traz algumas projeções em vídeo que contam sobre as crianças comandantes e navegantes dos muitos Brasis visitados pelo Projeto Infâncias. Uma cobra grande serve de aconchego à leitura de livros, dispostos em uma canoa-biblioteca, com todos os títulos voltados às temáticas da natureza e seus diversos entendimentos. Varais de bandeirinhas, que evocam celebrações culturais brasileiras, trazem registros fotográficos dos modos de viver perto das águas e suas margens. Um mapa hidrográfico e lúdico permeia os brincares das crianças que vivem perto de rios.

## Perguntas do Guia de Navegação

Do que será que as crianças ribeirinhas brincam?  
A natureza é cheia de histórias, vocês conhecem alguma para contar?  
O que se vê depois de um mergulho, quando a cabeça sai da água?

## Possibilidades de ir além

As perguntas foram pensadas de modo a abraçar o que está exposto. As brincadeiras estarão contempladas de muitas formas: pelos registros audiovisuais e fotográficos, pelo mapa do Brasil e pelas muitas histórias guardadas nas estantes. A ideia então é identificar esses brincades, conhecê-los, se aproximar deles e, quem sabe, levá-los para o quintal (outra ilha-seção da exposição).

As histórias da natureza chegam de diferentes formas, potencializadas pelos livros e nessa partilha temática, às vezes com foco no imaginário cultural brasileiro, noutras por meio de fatos curiosos. Por fim, pensar no que se vê após um mergulho, que ocorre na sala anterior, é pensar ao redor das margens. Quando olhamos os horizontes que cada rio carrega em si, vemos modos de vida, paisagens, cheiros e sons diversos. Então, o que se vê, quando a cabeça sai da água?



### Conheça algumas lendas que permeiam o território gaúcho:

#### Boitatá, a cobra de fogo

A origem do Boitatá se dá após o dilúvio bíblico, momento em que muitos animais teriam morrido e as cobras, rindo do alimento em abundância, foram castigadas com sua barriga em chamas. Ele é atraído pelo ferro, então o jeito é prendê-lo com uma argola durante a noite.

#### Minhocão

Na lagoa do Armazém, em Tramandaí, vivia uma serpente de olhos e língua de fogo e pelos na cabeça. Ela virava embarcações e comia os animais da margem da lagoa. Hoje, há quem acredite que ela voltou para o mar.

📍 **São Sapé**

Um indígena valente que lutou em defesa de suas terras durante as Missões. Predestinado por Deus e São Miguel, nasceu com um lunar na cabeça, que ajudava a guiar os guerreiros. Quando morreu, Deus tirou o lunar de sua cabeça e colocou no céu para ser guia de todos os gaúchos. Sabe o que se tornou? A constelação do Cruzeiro do Sul.

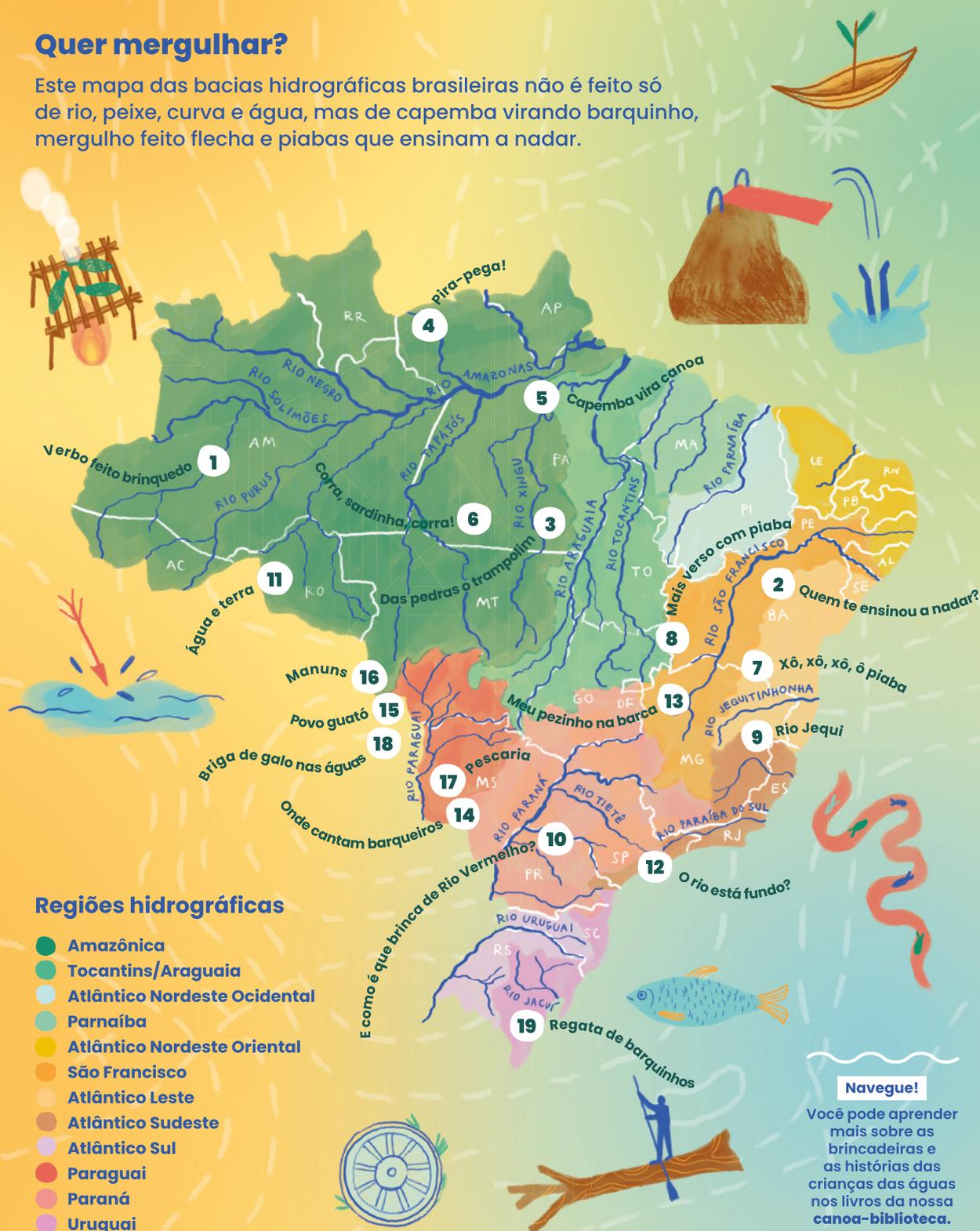
📍 **Sanguanel**

Um ser pequeno e vermelho, que não faz mal a ninguém, mas gosta de dar sustos, roubando crianças – mas sem feri-las, “apenas”, oferecendo mel e água se têm fome e sede.



## Quer mergulhar?

Este mapa das bacias hidrográficas brasileiras não é feito só de rio, peixe, curva e água, mas de capemba virando barquinho, mergulho feito flecha e piabas que ensinam a nadar.



### Navegue!

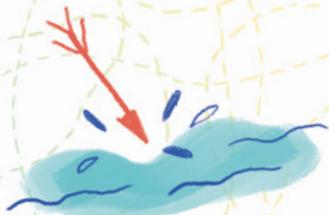
Você pode aprender mais sobre as brincadeiras e as histórias das crianças das águas nos livros da nossa canoa-biblioteca.

Crédito do mapa: Estúdio Voador, a partir dos Mapas das Regiões Hidrográficas do Brasil, do IBGE e da ANA. Fontes das fichas: os livros *Diário das águas* (Gabriela Romeu e Kamml João; ed. Peirópolis); *Lá na meu quintal - O brincar de meninas e meninas de Norte a Sul do país* (Gabriela Romeu, Marlene Peret, Samuel Macedo e Kamml João; ed. Peirópolis); *Imãs da chuva* (Gabriela Romeu e Anabella Lopez; ed. Peirópolis); sites Mapa do Brincar ([www.mapadobrinca.com.br](http://www.mapadobrinca.com.br)) e projeto Infâncias ([www.projetoinfancias.com.br](http://www.projetoinfancias.com.br)).

1

### Verbo feito brinquedo

Verbo conhecida e usado entre as crianças de vários rios do Norte do país, onde meninas e meninos não apenas mergulham, mas flecham as águas. É um jeito de brincar transformando o corpo em flecha – em brinquedo.



2

### Quem te ensinou a nadar?

No rio São Francisco (e não só nele), as crianças contam que quem engole de uma só vez um peixe pequenino chamado piaba aprender a nadar nas águas do velho Chico.



3

### Das pedras o trampolim

No rio Xingu, perto de onde vive o povo Asurini, as pedras são também trampolim, de onde meninas e meninos pulam nas águas e ali se banham e lá apostam corrida entre uma margem e outra e inventam outras brincadeiras.





## PORTO-ATELIÊ



### Sobre a ilha-seção

Lugar de pouso e parada, entre uma navegação e outra. Este é um porto-ateliê que resguarda diferentes possibilidades de trocas, criações e contemplações. É também onde se cria com ferramentas diversas outros rumos e rios de navegação. Em seis caixas, há propostas e contextos investigativos em forma de oficinas, que serão mediadas para diferentes idades. Um livro sempre irá guiar cada uma delas. É ler e começar a descoberta.

### O que se vê ali

O Porto-ateliê é lugar de fazer com as mãos e com o coração, é o recanto das práticas, é onde propomos a maior parte das oficinas e, então, das criações de ferramentas e criaturas que vão permear a temática do navegar. As mesas e bancadas são apoio para que as atividades artístico-lúdicas ocorram, assim como o lanche contemplado nas visitas escolares. Os caixotes são bancos, mas também são estimuladores de criatividade: o que é que pode ter dentro dessas caixas e cargas? As canoas de livro trazem parte do acervo de histórias que estará disponível aqui como forma de consulta e inspiração para as atividades. As redes são para que a exposição se amplie a cada oficina, e que os trabalhos pendurados se tornem parte dela, de forma a construir esse grande Fabulário coletivamente.

### Perguntas do Guia de Navegação

Para onde os bons ventos podem levar as pessoas?  
Que ferramentas vocês querem criar para poder navegar?  
O que significa porto para você?

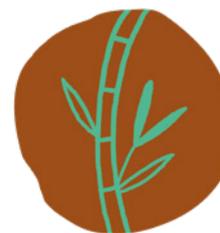
## Possibilidades de ir além

No próximo capítulo, contaremos mais sobre as oficinas do Porto-ateliê. Aqui, vale dizer que a paragem enfatiza o significado do porto, um lugar que pode ser de trocas (carga e descarga), de movimentos, retornos, encontros e pousos.





## QUINTAL



### Sobre a ilha-seção

Brincar no quintal é exercício de liberdade. Este é um lugar que habitamos e que continua a viver dentro de todas as pessoas, mesmo crescidas. Um verdadeiro terreiro nascedouro de narrativas, descobertas, imagens e lembranças. É no quintal que desvendamos a leitura do mundo, a gramática do chão e das águas, e ali seguimos conjugando os verbos da língua mãe das infâncias: o brincar! Neste espaço-paisagem, onde os corpos são natureza, descubra o que a terra, os ventos e as águas cantam e nos contam para ali inventar (e colher) brinquedos.

### O que se vê ali

Um quintal! Precisa mais? Tá bem: a instalação é um caminho de rio que vai descendo por entre plataformas e caixas de madeira conectadas, contextos investigativos dos elementos naturais, o que permite à água fluidez e continuidade.

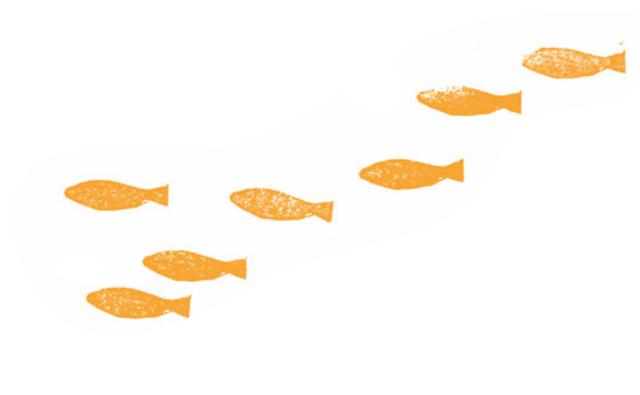
### Perguntas do Guia de Navegação

Como vocês brincam com a água?  
Quais bichos, plantas, histórias, lembranças... moram no seu quintal?  
Você se parece com algum bicho que vive nos quintais?

### Possibilidades de ir além

Este é o lugar onde todos os mundos podem ser imaginados. No quintal, tudo se cria e se transforma. A ideia é explorar a natureza, a liberdade de estar do lado de fora e observar o que nos cerca. As perguntas do Guia servem para estimular esses universos de possibilidades, curiosidades, descobrimentos e construções. O quintal traz o brincar, com ou sem a água. Também traz histórias e memórias, que podem ser um encontro com a família, uma cadeira onde a avó se senta todos os dias para beber mate,

uma semana acompanhando um bicho do cesto se deslocar, ou claro, um reino inventado por entre os vasos de planta. Por fim, também traz a natureza e todos os seres, em uma ideia de tecer possíveis relações e conexões. As brincadeiras apresentadas na seção Margem das Águas podem descer para o quintal, fazendo com que as crianças gaúchas (e outras visitantes) possam experimentar brincades do Brasil no “quintal de casa”.





**OCA**



### **Sobre a ilha-seção**

Em tupi-guarani, *Oka* tem três significados: cobrir, tapar e casa de bicho. Bicho porque gente também é bicho e, segundo os muitos saberes ancestrais que permeiam os diversos Brasis, gente não é só bicho, mas também natureza toda.

Conhecemos as Ocas por serem casas indígenas, espaço compartilhado entre famílias, onde grandes festejos, ritos e vivências de comunhão são celebradas. Mas se gente é gente, bicho e tudo isso é natureza, as Ocas são lugares que acolhem todas as convivências da imensidão chamada Mãe Terra.

Esta oca é o fim de um percurso, um encontro das águas, um espaço cheio de vazios que podem ser preenchidos com ciclos de toda gente e suas linguagens, de música e tantos outros sussurros com som de folhas, ventos, correntezas e pássaros.

### **O que se vê ali**

A principal instalação é a própria Oca, que evoca culturas ancestrais, formas cíclicas e circulares de conviver e se relacionar com o tempo, com os seres e a natureza como um todo. Dentro dela existem instrumentos musicais que são usados de forma prática nas oficinas de encerramento do percurso expositivo, mas que também estão disponíveis para uso aberto e livre. Alguns amuletos também estão dispostos para que os visitantes possam se vestir de natureza e das muitas formas que a água é encontrada.

### **Perguntas do Guia de Navegação**

O que uma oca pode acomodar e abrigar?  
Música no corpo. Vocês podem decifrar o que os sons falam?  
Chegamos no fim deste rio. E o que ele te contou?

## 🐟 Possibilidades de ir além

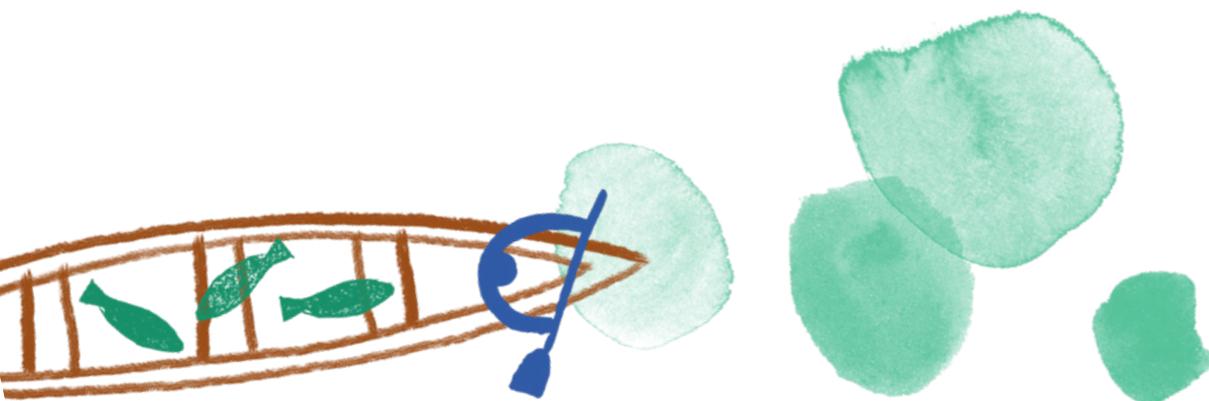
Pensar no que esta casa acomoda e abriga é pensar em culturas distintas, em formas de construção vernaculares, nos tempos da natureza, nas manifestações e celebrações que ocorrem nestes espaços. Será que se parece com a casa em que as crianças vivem? Eles já haviam entrado em alguma outra oca? Qual a relação que elas têm com essa esfera que permeia a história dos povos tradicionais brasileiros? Pensar na música é pensar em outras formas de comunicação, assim como a natureza nos conta muito com seus sons, ou como as cantigas populares nos contam muito sobre memórias e afetos. Por fim, pretende-se com a última pergunta uma análise de percurso, algo para evocar esse lugar do rio como um caminho de vida, que nasce pequeno, percorre diferentes terrenos e relevos, se encontra com outros, e deságua em uma grande imensidão que nos conecta com tudo, afinal, toda água é uma. Mas também, uma contemplação mais prática, sobre os saberes, curiosidades e aprendizagens que a exposição trouxe propriamente e que, enfim, serão apropriados pelos visitantes futuramente de formas únicas.





## OFICINAS: CAIXAS-ATELIÊ

A seguir, um descritivo sobre as seis caixas presentes no Porto-ateliê, além da oficina sonora disponível na Oca. Todas as oficinas podem ser feitas com crianças e adultos, de todas as idades. Os tempos são sugestões do Educativo, mas podem ser adaptados de acordo com o grupo e número de participantes. Nosso objetivo, ao criar as caixas-ateliê, foi oferecer aos monitores e mediadores propostas diversas e ideias de condução, mas deixando espaço para o encontro, o improviso, a escuta.





## CAIXA 1 Ali corre um rio, no quintal já se viu

.....

**FAIXA ETÁRIA** Livre.

**TEMPO DE DURAÇÃO** 40 minutos: 10 para a narrativa, 30 para a colagem.

**MATERIAIS** Bobina de papel, lupas, peneiras, cola, potes, pincéis, elementos naturais (sementes, folhas secas, gravetos) já coletados no local pelos mediadores e suportes para armazená-los.

**ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO** Bobina de papel desenrolada no chão ou na mesa, elementos naturais nos suportes, ferramentas (cola, peneiras, lupas) disponibilizadas de forma alternada/compartilhada.

**LIVROS DISPARADORES** *ABC da Água*, Selma Maria e Nina Anderson, 2014, Panda Books; *Fio de Rio*, Anita Prades, 2020, WMF Martins Fontes.

**PROPOSTA** Após a leitura do livro *ABC da água* ou *Fio de Rio*, os participantes serão convidados a criar um grande rio feito com colagem de elementos naturais. A proposta pode ser realizada no chão ou sobre a mesa, com os participantes livres para circularem. Durante o fazer, o mediador pode trazer perguntas que orientem os sentidos, como as colocadas a seguir. Se achar que funciona para o grupo, antes de entrar na colagem é possível usar essas perguntas brincando de telefone sem fio. Isso pode criar vínculo e diversão, conectando o grupo para o fazer coletivo. Ao final, o grande rio pode ser pendurado no varal do espaço expositivo ou levado para o gramado do quintal, e ali apreciado.

### IDEIAS PARA IR ALÉM

O rio nasce da boca do peixe?

Como é um formato de um rio?

Será que um rio passa debaixo dos seus pés sem você ver?

A primeira canoa que nos embala é a barriga da nossa mãe?

Você já parou para escutar a calmaria das margens de um rio?

Terra, areia, pedra, cascalho, o que tem no rio para além da água?

Como canta um rio? Como canta um peixe? Como canta a chuva?

Todo peixe conta onde mora?

Quantas histórias cabem num rio?

Que rio guarda histórias em mim?

Você contaria um segredo para as águas de um rio?

O que acontece quando duas águas se encontram?

É possível carregar água de rio na peneira?



## CAIXA 2 Zine-canoa

.....

**FAIXA ETÁRIA** Livre (alternativa para os dias de chuva).

**TEMPO DE DURAÇÃO** 30 minutos, 10 para a narrativa inicial, 20 para a confecção da zine.

**MATERIAIS** Folhas sulfites, carimbos, carimbeiras, canetões, giz de cera, furadores e barbantes.

**ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO** Folhas A4 disponíveis para teste dos carimbos e para serem dobradas ao meio e formarem a zine; carimbos de peixes divididos pelas mesas junto a um kit de carimbos de letras; carimbeiras e canetas para serem compartilhadas.

**LIVROS DISPARADORES** *Bichos que Existem e Bichos que Não Existem*, Arthur Nestrovski e Maria Eugênia, 2022, Companhia das Letrinhas; *O Pequeno Manual de Peixes Marinhos e Outras Maravilhas Aquáticas*, Beatriz Chachamovits, 2018, Companhia das Letrinhas.

**PROPOSTA** Após leitura de *O Pequeno Manual de Peixes Marinhos e Outras Maravilhas Aquáticas* ou *Bichos que Existem e Bichos que não existem*, os participantes são convidados a fazer um zine com peixes inventados a partir dos carimbos que ilustram fragmentos de desenhos das crianças que estiveram presentes na pesquisa de campo e peixes reais da fauna brasileira. Um gabarito com os peixes estará disponível e caso os participantes queiram nomear suas criaturas inventadas, que pode ser combinando o nome dos peixes reais, kits de carimbos de letras estarão disponíveis para uso. Canetas e giz estarão também dispostos para contribuir com os complementos e pinturas dos peixes carimbados e criados. Aqui, a ideia é fazer um inventário fabuloso (real e inventado) de peixes e levar pra casa um pequeno zine. Para juntar as folhas, furar com o furador e amarrar com um barbante.

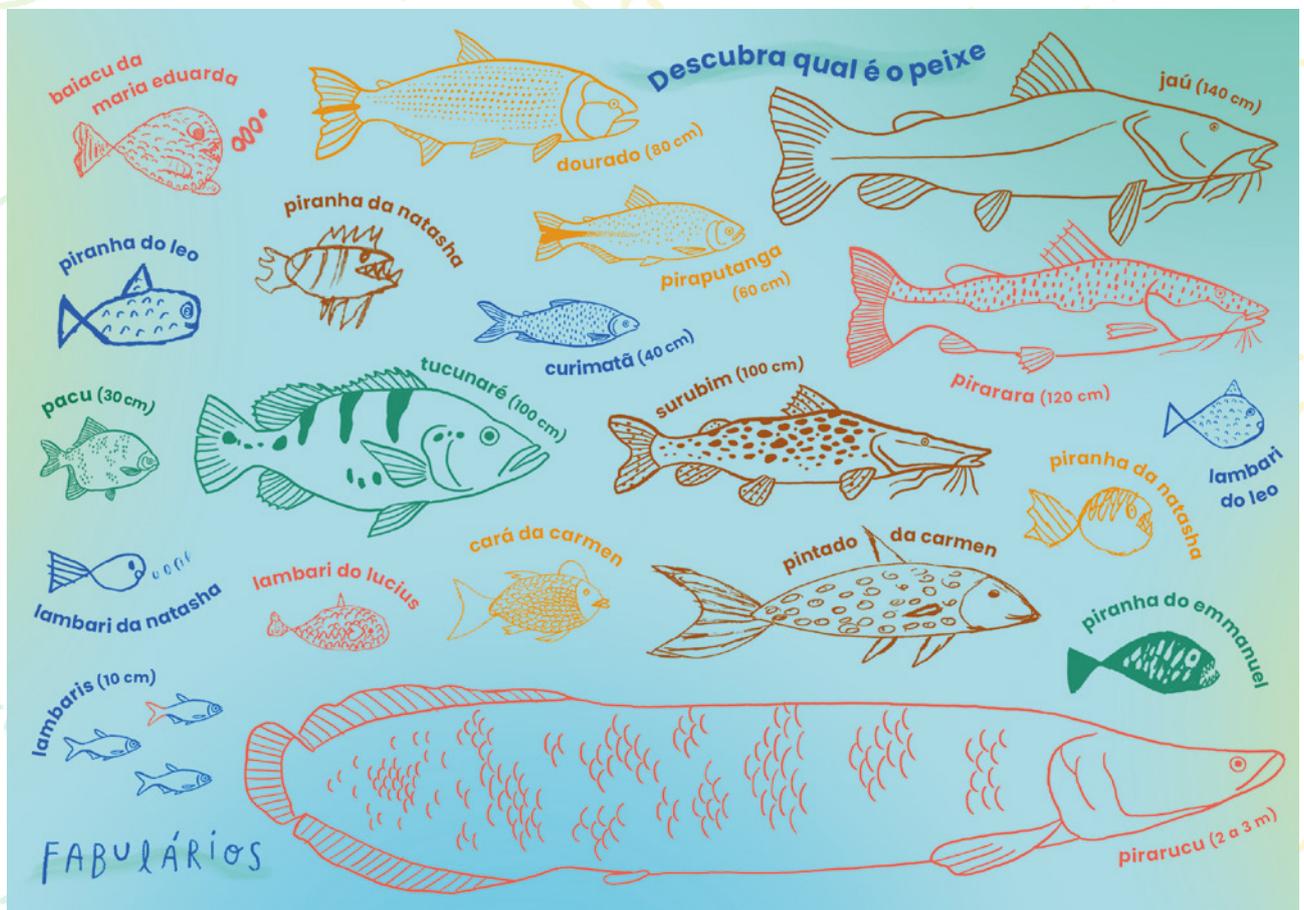
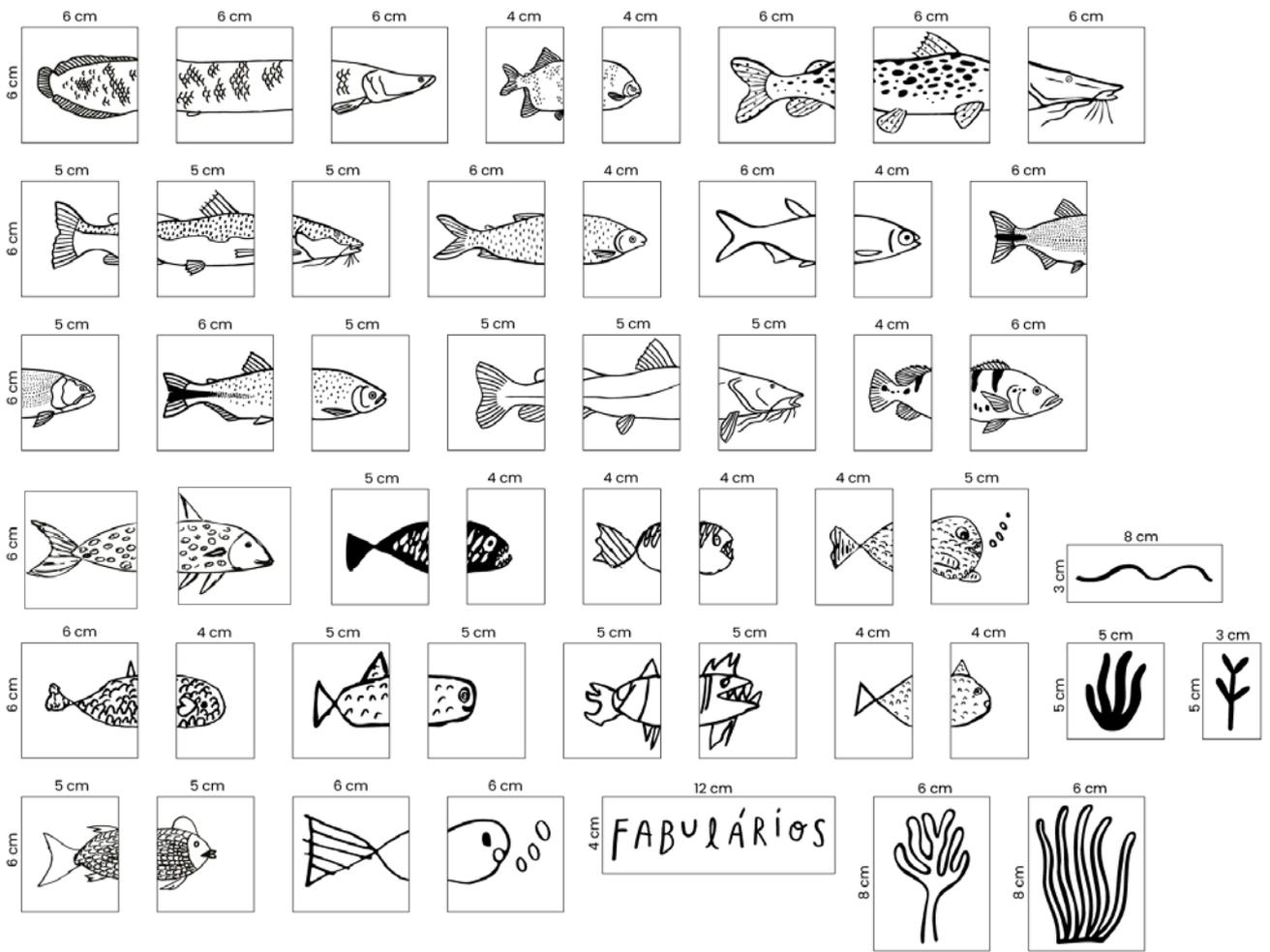
### IDEIAS PARA IR ALÉM

Quem lembra do que os peixes nos contaram no Laboratório das Águas?

O que acontece quando combinamos as espécies?

Como seria a mistura de um Dourado com uma Piraputanga? Douratanga?

Pirapurado? E as suas características, como ficam?







## CAIXA 3 Na boca das águas

.....

**FAIXA ETÁRIA** Livre.

**TEMPO DE DURAÇÃO** 40 minutos, 10 para a narrativa inicial, 15 para a confecção, 15 para a brincadeira.

**MATERIAIS** Barbante, rolhas, gravetos, folhas secas, palito de dente, palito de churrasco, cola branca, pincéis, suportes para cola e pincel, retalhos de tecidos.

**ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO** Rolhas, barbantes, folhas, palitos, cola, pincéis e retalhos divididos entre as mesas para que o momento da confecção dos barquinhos se dê no Porto-ateliê. A brincadeira é livre na instalação do Quintal das Águas.

**LIVROS DISPARADORES** *Um Dia, Um Rio*, Leo Cunha e André Neves, 2016, Pulo do Gato, e *Lá No Meu Quintal*, Gabriela Romeu, Marlene Peret e Kammal João, 2019, Peirópolis.

**PROPOSTA** Após a leitura de trechos de *Lá no Meu Quintal* ou *Um dia, Um Rio*, os participantes são convidados a construir barquinhos com folhas de árvore, rolhas, gravetos e retalhos para brincar na instalação do quintal. Em um primeiro momento, para a confecção dos barcos, os materiais deverão estar disponíveis nas mesas do Porto-Ateliê. Então, com os barquinhos feitos, é só descer o rio para brincar! Há ainda uma série de fichas disponibilizadas, registros em imagens das pesquisas do Projeto Infâncias, que constrói um inventário das culturas das infâncias pelo Brasil. Aqui, a ênfase está na relação das brincadeiras com as águas. Também estão disponíveis imagens de barquinhos feitos pelo projeto Carretel Cultural.

### IDEIAS PARA IR ALÉM

Perguntas relacionadas às brincadeiras descritas no mapa hidrográfico, na seção Margem das Águas:

Vocês também flecham as águas?

Você sabe nadar? Foi a piaba que te ensinou?

Se não tem capemba, que folha do quintal fazemos virar canoa?

Se não tem ximbuva, que árvore do quintal fazemos virar “manun”?

Se em São Paulo é Rio Vermelho, em Minas, Rio Jequi, como é que brincamos aqui?

Vamos brincar de boto e sardinha? Vamos brincar de água e terra? Vamos brincar de rio vermelho?

Vamos fazer uma regata de barquinhos?



Samuel Marcelo



## CAIXA 4 Com quantas pedras se faz um caminho das águas?

.....

**FAIXA ETÁRIA** Livre.

**TEMPO DE DURAÇÃO** 40 minutos, 10 para a narrativa inicial, 30 para a vivência.

**MATERIAIS** Placas de pedras de ardósia para suporte, pacotes de papéis sulfite, conta-gotas, pincéis, peneiras, buchas vegetais cortadas em pequenos pedaços, pote com águas coloridas e recipientes para colocá-las.

**ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO** Distribuir nas mesas as placas de pedras, folhas de papel e demais elementos de experimentação, em seus respectivos suportes, para serem usados de forma compartilhada.

**LIVRO DISPARADOR** *Pelo Rio*, Vanina Starkoff, 2013, Pallas Mini.

**PROPOSTA** Pensando em hidrografia e toda a gramática dos rios que essa palavras trazem, os participantes são convidados a brincar de desenhar com a água entre relevos, papéis amassados e pedras. Com conta-gotas e outras ferramentas, eles farão o rio escorrer, e verão de forma efêmera as águas se misturarem e se modificarem, se encontrarem, se desviarem, criarem novos rumos. Outros elementos podem entrar nessa exploração com águas, as pedras no caminho, as folhas que desviam.

### IDEIAS PARA IR ALÉM

Como parte da proposta, dez fichas trazem perguntas poéticas que ajudam a despertar o caráter contemplativo da oficina. São elas:

Como um rio nasce em nós?

Barriga de mãe é a primeira canoa que nos embala?

Você já parou para escutar a calmaria das margens de um rio?

Terra, areia, pedra, cascalho o que tem no rio para além da água?

Quantas histórias cabem num rio?

Que rio guarda histórias em mim?

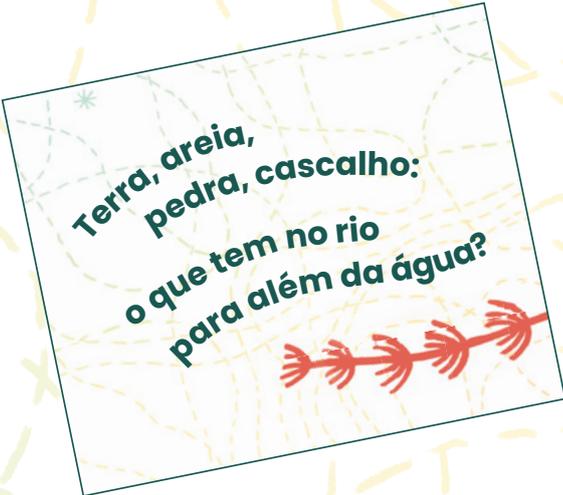
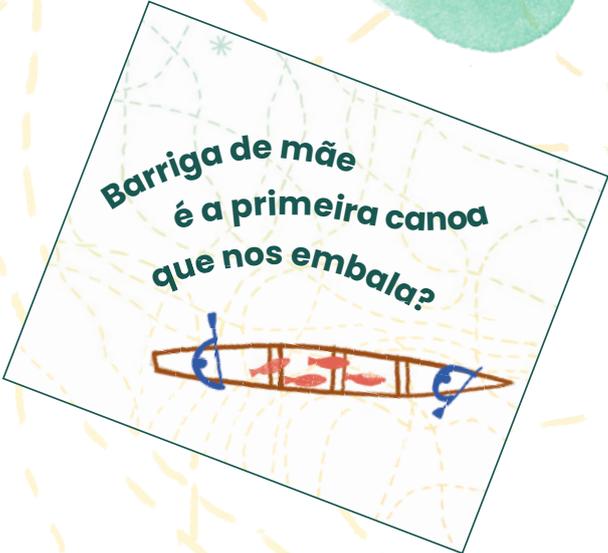
Ao navegar, você sabe o que levar?

Você contaria um segredo para as águas?

O que acontece quando dois rios se encontram?

As águas dos rios te servem a quê?

O que uma onda traz? E o que ela leva?





## CAIXA 5 Cartas para as águas

.....

**FAIXA ETÁRIA** Livre.

**TEMPO DE DURAÇÃO** 40 minutos, 10 para a narrativa inicial, 30 para a vivência.

**MATERIAIS** Cartões postais, canetas, pregadores, kit de carimbos de *Fabulários*, carimbeiras, giz de cera e lápis de cor.

**ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO** Canetas, giz de cera e lápis de cor disponibilizados de forma livre nas mesas; dois postais por participante (um com fotografia e outro livre), a serem retirados com o mediador, junto com um pregador; kits de carimbos para preenchimento do postal na mesa do mediador.

**LIVROS DISPARADORES** *Aqui Estamos Nós*, Oliver Jeffers, 2018, Salamandra; *O que Vamos Construir*, Oliver Jeffers, 2020, Salamandra.

**PROPOSTA** a partir da apresentação do curta-metragem *Cósmica* (Ana Bárbara Ramos, PB, documentário, 2022, 7 min) e do relato da garota Brenda, uma das crianças entrevistadas em pesquisa de campo, os participantes são convidados a escrever cartas para as águas. Serão oferecidos dois postais por pessoa, um que pode ser levado como lembrança, e um que fica para ser exposto, pendurado com pregador na rede do ateliê, de forma a construir colaborativamente a exposição. Um dos postais é livre para desenho, enquanto o outro é um registro do Projeto Infâncias. A ideia é olhar para o que existe e então sonhar e imaginar o que virá, assim como instigar o olhar do resguardo, do cuidado com a natureza. Escrevemos para as águas, sejam as simbólicas de dentro de nós, sejam as que nos nutrem com vida na natureza.

### IDEIAS PARA IR ALÉM

Segundo Ailton Krenak, para adiar o fim do mundo é preciso que se conte sempre mais uma história. É contando histórias, recordando experiências e transmitindo-as, que adiamos o fim. Então que essas histórias sejam contadas nestes postais. Mas que história queremos contar? De quem? É preciso retomar as raízes, reconhecer que nós, humanos, não só fazemos parte, como somos a própria natureza. Somos seres bichos. E como em tudo que nos rodeia há diferença, é preciso celebrar as subjetividades que cada um carrega em si e que dá contorno para este grande ecossistema no qual co-habitamos.



FABULÁRIOS




---



---



---



---



---

□□□□□-□□□

À espera de violas, piavas e lambarizinhos na Praia do Paquetá, onde passa o rio dos Sinos, em Canoas-RS. Foto de Samuel Macedo.





## CAIXA 6 Ao navegar, saiba o que levar



**FAIXA ETÁRIA** Livre.

**TEMPO DE DURAÇÃO** 30 minutos.

**MATERIAIS** Carimbos com o nome da atividade e o logo de *Fabulários*, carimbeiras, papéis com mensagens coletadas em pesquisa de campo, papéis para uso livre, canetas, saquinhos de algodão, tesoura, agulhas e linhas para bordado, ervas e flores secas em suportes de apoio.

**ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO** Distribuir pelas mesas um kit de sete ervas em seus respectivos suportes, papéis com mensagens, papéis para escrita de outras mensagens, canetas e saquinho de algodão; em uma mesa coletiva, reunir as fichas explicativas, linhas e agulhas, carimbos e carimbeiras.

**LIVROS DISPARADORES** *A Professora da Floresta e a Grande Serpente*, Irene Vasco e Juan, 2021, Pulo do Gato. *Talvez Você Consiga*, Imogen Foxell, Anna Cunha e Leo Cunha, 2023, Companhia das Letrinhas.

**PROPOSTA** A partir da sensibilização vivida com o percurso expositivo, com o guia de navegação e com os livros que falam sobre ciclos da vida, os participantes são convidados a produzir um amuleto com elementos que gostariam de levar para suas navegações na vida. Os livros não serão lidos, apenas estarão disponíveis para complementar a atividade. A proposta é que preencham um saquinho de algodão com minibilhetes, alguns já com mensagens, outros a serem escritos na hora, ervas e flores secas. No saquinho estão previstos dois carimbos de um lado, o nome da atividade; do outro, com o logo do *Fabulários*, fica o convite para decorá-lo com desenhos e bordados. Há ainda fichas que contemplam informações, de forma lúdica e brincante, sobre as ervas e flores secas para que cada participante tempere seu amuleto.

**ARRUDA** Essa é indicada para todos os viajantes! Além de ajudar a sarar inflamações nos olhos, e assim avistar melhor as lonjuras, a arruda protege e espanta a coisa ruim, trazendo a sorte para pertinho.

**ALECRIM** A planta da alegria e da abundância ajuda com um pouquinho de tudo. Melhora a digestão, a náusea e a dor de cabeça, e também é boa para descongestionar a gripe! O alecrim protege e traz sorte, é importante para atrair os bons ventos que levam aos portos!

**ALFAZEMA** Quem gosta muito dela é a Sereia do Mar. Com seu perfume, traz um bocado de sensações acolhedoras! Além de acalmar as ideias, essa florzinha alivia as picadas de mosquito, e coloca as energias para fluir. Com a alfazema, os caminhos estão abertos e seguros, a travessia é certa!

**CAMOMILA** Se estiver precisando descansar, a camomila pode te ajudar! Essa florzinha é boa para acalmar, deixar o medo ir e o sono vir! Também ajuda a deixar o coração corajoso. Ideal para viajantes que colocam o peso na cabeça.

**ERVA-DOCE** Ideal para quem tem barriga saudosa de casa, e que sofre com desconfortos. Também é considerada um bom analgésico e anti-inflamatório. E para os navegantes de ideias e pensamentos, ajuda a atrair coragem, proteção, otimismo, leveza e doçura nas braçadas da vida.

**MANJERICÃO** Para o macarrão você já deve saber que funciona muito bem. Mas essa erva também ajuda a purificar o corpo pela digestão, pelo suor ou até mesmo pelo xixi. Há quem diga que o manjericão atrai amor ou dinheiro, mas uma coisa é certa com eles os caminhos são trilhados de confiança.

**SÁLVA** Para quem vai navegar, um pouco de sálvia não pode faltar. É ela quem traz a sensação de morada dentro de nós mesmos. Bota os pés firmes no chão, renovando com equilíbrio e estabilidade todo tipo de navegação. Também é ótima como anti-inflamatória!

#### IDEIAS PARA IR ALÉM

Toda casa é uma alquimia de afetos, de memórias, de hábitos. Toda casa é um porto. O que tem na sua que te permite navegar? Que temperos você cultiva no jardim, ou tem na cozinha, que podem ser acrescentados no seu amuleto? Que palavras te ocorrem quando você pensa em navegar?





**Camomila**

Se estiver precisando descansar, a camomila pode te ajudar! Essa florzinha é boa para acalmar, deixar o medo ir e o sono vir! Também ajuda a deixar o coração corajoso. Ideal para viajantes que colocam o peso na cabeça.



**Arruda**

Essa é indicada para todos os viajantes! Além de ajudar a sarar inflamações nos olhos, e assim avistar melhor as lonjuras, a arruda protege e espanta a coisa ruim, trazendo a sorte para pertinho.



**Alecrim**

A planta da alegria e da abundância ajuda com um pouquinho de tudo. Melhora a digestão, a náusea e a dor de cabeça, e também é boa para descongestionar a gripe! O alecrim protege e traz sorte, é importante para atrair os bons ventos que levam aos portos!





## OFICINA DE ENCERRAMENTO Quem canta o rio? (a única que acontece na Oca)

.....

**FAIXA ETÁRIA** Livre.

**TEMPO DE DURAÇÃO** 30 minutos.

**MATERIAIS** A oficina ocorre a partir da instalação sonora da Oca e das fichas de apoio.

**ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO** Montar uma roda com os participantes e distribuir os instrumentos musicais disponíveis, para que sejam tocados e experimentados de forma alternada e compartilhada.

**LIVROS DISPARADORES** *A Floresta Canta! Uma Expedição sonora por Terras Indígenas do Brasil*, Berenice de Almeida, Magda Pucci e Joana Resek, 2014, Peirópolis; *Sinfonias da Amazônia*, Lalau e Laurabeatriz, 2021, Peirópolis.

**PROPOSTA** Como uma atividade de encerramento do percurso expositivo, o lugar em que o rio encontra o mar e os demais ciclos da água, os participantes são convidados a musicar as águas, os ventos e a natureza a partir de fichas, ora com exercícios de improvisação, ora com explicações sobre como manusear cada instrumento contemplado na instalação. Ainda assim, a brincadeira é livre e o objetivo é encontrar outras formas de linguagem e expressão, de comunicar e de escutar, de se musicar só ou acompanhado. Há ainda fichas que explicam os instrumentos musicais e propõem exercícios de improvisação.

**PAU DE CHUVA** é um instrumento de percussão que, como o nome já diz, faz lembrar o som dos pingos de chuva caindo. Para tocá-lo, é só virá-lo lentamente, de um lado para o outro, fazendo com que as sementes escorreguem dentro dele!

**CAXIXI** é um tipo de chocalho, como vemos aos montes por aí! É feito de palha trançada e fechado por uma semente grande. Dentro dele podem ter conchas, pedras ou outras sementes menores. Para tocá-lo, é só segurar na alça e chacoalhar para cima e para baixo!

**CHOCALHO DE AGUAÍ** é um chocalho feito com sementes (de aguái). Com muitas delas, temos um chocalho com som de água corrente. Para tocá-lo, é só remexer de um lado para o outro.

**TROVÃO** é também chamado de tambor de mola ou tupã, um instrumento com som de trovoada. Quanto mais se mexe de um lado, mais forte é o som de trovão, daqueles que fazem tudo tremer!

**TAMBOR OCEÂNICO** é diferente dos tambores que marcam o ritmo com uma batida, afinal, o som dele sai do seu simples remelexo de um lado para o outro, como uma onda no mar!

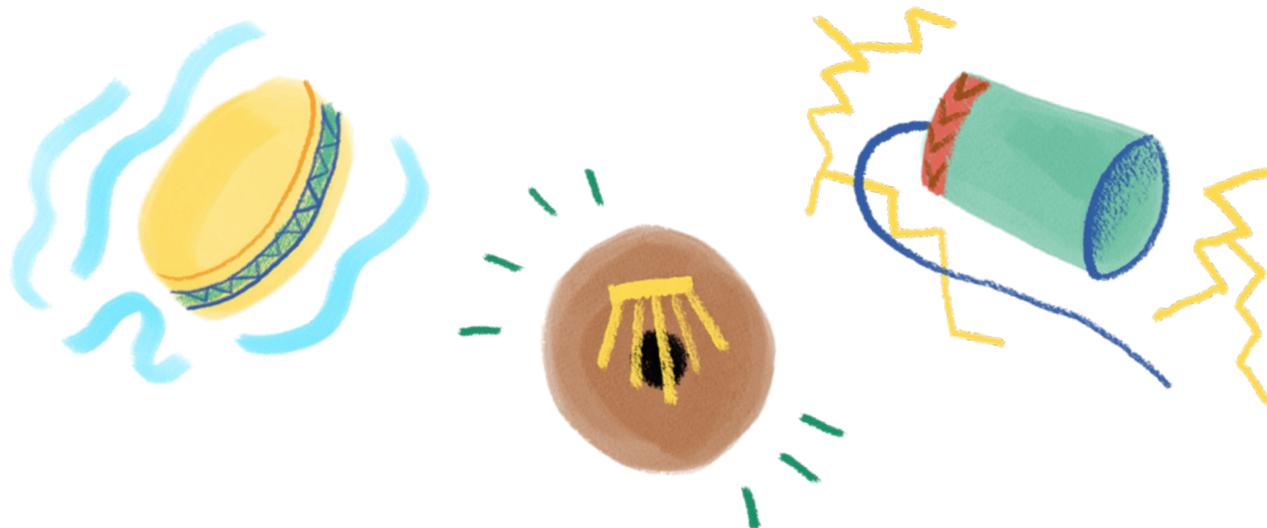
**KALIMBA** pode ser de bambu, madeira ou cabaça. Pode ter mais ou menos teclas, pode ou não ter buraquinhos em sua caixa, mas o jeito de tocar é o mesmo: dedilhando a ponta dos dedos pelas teclas de metal.



#### Instruções das fichas de improvisação

Estrelas verdes correspondem ao toque do **CAXIXI**. Ele é tocado segurando a alça, para cima e para baixo. A amplitude e velocidade de movimento não serão alternadas nos exercícios propostos, mas incentivamos a tentativa!

Bolinhas marrons correspondem ao toque do **CHOCALHO DE SEMENTES**. Ele é tocado de um lado para o outro, onde se segura pode variar conforme o formato. A amplitude e velocidade de movimento não serão alternadas nos exercícios propostos, mas incentivamos a tentativa!



A **KALIMBA** é um instrumento de dedilhado, harmônico e é tocado segundo as escalas musicais. Para facilitar a apropriação do mesmo, o toque será feito a partir das premissas dos chocalhos, algo correspondente à tecla e ao tempo. São 5 teclas diferentes nesta Kalimba, e os desenhos, pauzinhos marrons, correspondem a cada uma delas por tamanho.

As ondas azuis correspondem ao **TAMBOR OCEÂNICO**, que é um instrumento de percussão contínuo, seu toque se dá pelo vai e vem do mover das mãos e assim, as sementes dentro dele fazem som de maré. A alteração no comprimento de onda indica que esse vai e vem deve ser mais rápido.

O **PAU DE CHUVA** é um instrumento de percussão contínuo, seu toque se dá pelo vai e vem do mover das mãos e assim, as sementes dentro dele fazem som de chuva. Para tocá-lo, é necessário virá-lo de um lado para o outro. As bolinhas azuis correspondem à intensidade com a qual as sementes escorrem e fazem o som, ou seja, quanto menos bolinhas, menos sementes escorrendo, movimento lento, de início e final do movimento; quanto mais bolinhas, mais sementes, mais intensidade de som.

O **TROVÃO** é um instrumento de percussão contínuo, seu toque se dá pelo vai e vem do mover das mãos que balança a mola de metal. O zigue zague laranja corresponde ao seu toque. A mudança de amplitude corresponde ao movimento mais intenso, maior das mãos. A mudança do “comprimento de onda” indica um toque mais ou menos rápido. Quanto mais rápido e intenso, maior é a tempestade!

#### IDEIAS PARA IR ALÉM

Como canta o rio?

Como canta a sereia?

Como canta o peixe?

Como cantam as aves?

Como canta a chuva?

Como canta o vento?

Como canta a natureza, com tudo que nela existe?



# Improvisação 1

COMPASSO	1	e	2	e	3	e	4	e	1	e	2	e	3	e	4	
<b>Caxixi</b>	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	
<b>Chocalho de sementes</b>	•		•		•		•		•		•		•		•	
<b>Kalimba</b>																
<b>Tambor oceânico</b>	~~~~~															
<b>Pau de chuva</b>	•••••															
<b>Trovão</b>	~~~~~															

os tempos da música

sons não contínuos

sons contínuos

**Pau de chuva**



É um instrumento de percussão que, como o nome já diz, faz que, como o som dos pingos de chuva caindo. Para tocá-lo, é só virá-lo lentamente, de um lado para o outro, fazendo com que as sementes escorreguem dentro dele!

**Caxixi**



É um tipo de chocalho, como vemos aos montes por aí! É feito de palha trançada e fechado por uma semente grande. Dentro dele podem ter conchas, pedras ou sementes menores. Para tocá-lo, é só segurar na alça e chacoalhar para cima e para baixo!

**Chocalho de sementes**



Com uma semente se faz mudas, mas... Com muitas delas, temos um chocalho com som de água corrente! Para tocá-lo, é só remexer de um lado para o outro.



## PARTE 3

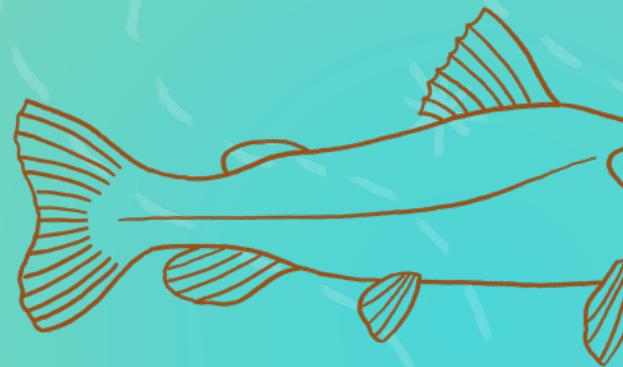
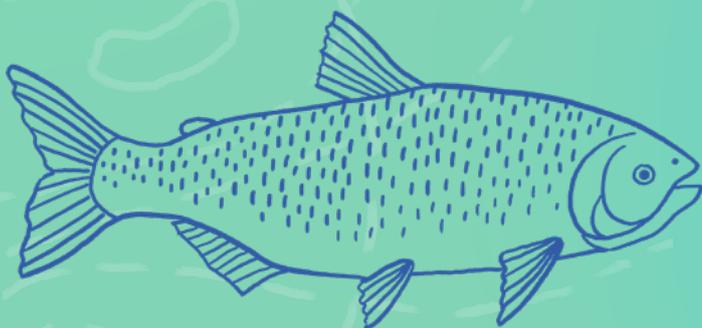
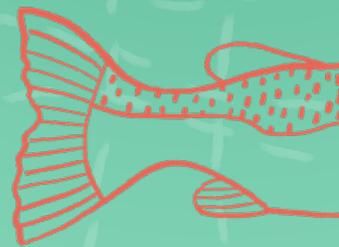


### **Das histórias dos nossos rios a uma rede colaborativa de formação**

Juliane Soares Falcão Gavião

### **As práticas das escolas de Canoas**

Aline da Silveira Smidt, Adriana da Silva Guerra Dallacort, Anaitê Rodriguez, Cláudia Maria Guardiola Soares, Enilda Storck, Ana Paula Centeno e Aline Larini, Fernanda Alves, Franciele Vanzella da Silva e Tânia Márcia Tomaszewski, Jéssica Freitas, Jonathan Zotti da Silva, Rosângela Camargo Fiuza da Silva e Janaína da Cunha Sampaio, Tanise Reginato



# DAS HISTÓRIAS DOS NOSSOS RIOS A UMA REDE COLABORATIVA DE FORMAÇÃO

**Juliane Soares Falcão Gavião**

Em abril deste ano, fomos convidados para participar de uma nova parceria. Como a nascente de um rio, eu, Ana Paula da Silva (coordenadora da Escola de Formação) e Kelly da Silva Rebelo (integrante da Escola de Formação e coordenadora das formações dos projetos dos Anos Iniciais) não tínhamos ideia do percurso que percorreríamos. Suas águas poderiam tanto nos levar por um caminho estreito, íngreme e acidentado quanto proporcionar um fluxo contínuo de possibilidades, até então, inexploradas. Navegávamos por águas desconhecidas enquanto considerávamos o fato da cidade de Canoas, no Rio Grande do Sul, ser palco de um evento singular: a exposição *Fabulários*.

No contexto da Educação Infantil, a *chegança* destas águas deu continuidade a um trabalho já em curso desde 2021. Pedagogicamente, vinha-se investindo em uma postura educacional voltada para as relações entre criança e natureza, sendo essa inclusive a temática do X Congresso Estadual da Educação Infantil, realizado em 2023 – um momento significativo de valorização, encontro e partilha para os profissionais dessa etapa educacional.

Em resposta aos desafios impostos pela pandemia, buscamos redesenhar os caminhos do conhecer trilhando um percurso de reconexão com a natureza, contrário ao consumismo e ao desperdício. Amparados por um currículo que privilegia as

experiências infantis, investimos em três ênfases entendidas como fundamentais a uma educação que, de fato, toma a criança como o centro do processo educativo: a) a ênfase no acolhimento; b) no desemparedamento; e c) na relação com a natureza. O resultado é um caminho formativo e investigativo trilhado no coletivo que ainda investe em pautas que fortalecem o entendimento e a importância de uma educação para as relações étnico-raciais.

Como efeito, a Escola Permanente de Formação Docente Prof.º Darcy Ribeiro<sup>1</sup> é o centro estratégico e agente deste movimento de mudança. Talvez única neste formato no País, tem sido decisiva para a rede municipal infantil à medida que oferece um espaço de escuta e acolhimento em rede, onde o diálogo entre pares é parte deste processo. As respostas singulares da formação passam por ações pontuais de planejamento e gestão, a partir da implementação de projetos e eventos formativos que privilegiam uma formação continuada personalizada, conforme as necessidades da rede. Um desafio diário e do tamanho da própria rede.

Paralelo a isso, em 2021, Canoas foi selecionada como cidade URBAN 95<sup>2</sup> com base no projeto apresentado. Ao ser contemplado, o município assumiu o compromisso de adequar a cidade às necessidades das crianças de 0 a 3 anos de idade, ampliando localmente este desafio para então incluir crianças de 5 a 6 anos de idade. Tamaña parceria implica em comprometer-se com ações transversais e intersetoriais que envolvem, sobretudo, o fomento a políticas públicas destinadas às crianças e às infâncias que aqui residem.

---

**1** É o espaço que reúne projetos formativos da rede municipal, promove atividades e encontros de formação continuada para professores e professoras da Educação Infantil, dos Anos Iniciais, dos Anos Finais do Ensino Fundamental, das Equipes Diretivas das EMElS e das EMElFs.

**2** A URBAN 95 é uma iniciativa vinculada à Fundação Bernard van Leer e ao CECIP. Objetiva apoiar cidades em diferentes países na elaboração de diagnósticos locais pela experiência e acesso do público infantil e seus cuidadores aos espaços urbanos.



Para além da sensibilização dos adultos, a partir da questão mobilizadora “Se você pudesse experimentar a cidade a uma altura de 95cm, o que mudaria?”, a tomada de decisões privilegiou a participação das próprias crianças, uma vez que foram realizadas diversas Plenarinhas para escutá-las sobre aspectos relevantes para a sua vida e família. Mais de 240 crianças participaram deste momento de escuta composto, a priori, por crianças matriculadas na rede municipal infantil, com idades variadas e oriundas dos quatro quadrantes de Canoas. Metodologicamente, as escutas infantis foram pensadas, tendo por base a importância da ludicidade e o respeito às especificidades infantis, a partir de intervenções pedagógicas que contavam com a participação dos próprios professores das turmas. Uma forma de valorizar os vínculos e a relação de confiança já estabelecida em prol da perspectiva infantil.

Em termos gerais, a participação das crianças produziu narrativas singulares que privilegiaram pautas como saúde, educação, transporte público, revitalização de praças e demais espaços que devem ser considerados no âmbito das políticas públicas. No entanto, dentre tantas narrativas potentes, uma fala se destacou ao explicar o que não pode faltar para as crianças de Canoas: “Família, não pode faltar família, mas também amor, carinho, compreensão, amizade (Helena, 6 anos).” O que significa que uma cidade mais respeitosa e empática para as crianças deve cuidar igualmente de toda a sua família. Isto é, ela deve cuidar das pessoas.

Outro projeto realizado em colaboração com as crianças de Canoas é a implementação de pátios naturalizados<sup>3</sup> nas escolas infantis. De um projeto-piloto que privilegiou somente duas escolas, hoje podemos comemorar a sua ampliação para as 39 escolas municipais infantis. Afinal, é crucial apostar no entendimento de que somos todos seres orgânicos, sendo a escola

---

**3** Apesar de o termo ser considerado redundante para alguns especialistas, consideramos a implementação válida e extremamente benéfica para as nossas crianças. Além disso, os envolvidos no projeto tiveram o cuidado de utilizar madeira reaproveitada em todos os elementos construídos até o momento.

um local privilegiado de encontro com a natureza. Mais do que isso, aprender na e com a natureza é aprender a incluir e respeitar toda a vida, educando cidadãos responsáveis que prezam por relações equilibradas e solidárias entre cultura e natureza. E foi neste contexto de transição pedagógica e tomada de consciência que cruzamos com as águas da exposição *Fabulários*.

Inédita e totalmente pensada para Canoas, a exposição *Fabulários: as águas, suas gentes, memórias, plantas, bichos e outros seres* é uma iniciativa que busca explorar e celebrar a complexa teia de relações entre as águas, as comunidades ribeirinhas, as memórias ancestrais, as plantas, os animais e outros seres que habitam o universo dos rios. Realizada no Parque dos Rosa, em Canoas, no período de setembro a dezembro de 2023, a exposição propõe uma abordagem lúdica e interativa para envolver o público nessa temática rica e multifacetada, divulgando os saberes ancestrais que emergem dos rios.

Em outras palavras, a exposição é um convite para explorar as memórias associadas aos rios. Narrativas, mitos e histórias transmitidas ao longo das gerações são resgatados e compartilhados, construindo uma tapeçaria rica em experiências passadas e presentes. Sua proposta fundamental consiste em oferecer uma vivência imersiva nesta teia narrativa que permeia as margens dos nossos rios, ressaltando a riqueza cultural e a sabedoria transmitida ao longo das gerações. O evento buscou celebrar tradições muitas vezes ameaçadas pelo tempo e pela contemporaneidade.

Da perspectiva de um visitante, a entrada da exposição apresentou uma instalação visualmente impactante, simbolizando a sinuosidade dos rios e a diversidade de formas de vida associadas a esses ecossistemas. Ao longo do percurso, diversas estações interativas foram projetadas para envolver os visitantes, proporcionando uma imersão sensorial nas mitologias e contos das culturas ribeirinhas. Utilizando projeções, esculturas e instalações sonoras, a exposição conseguiu criar um ambiente envolvente, transportando os participantes para um universo onde a magia e a natureza se entrelaçam. E ao final da visita, os participantes foram incentivados a compartilhar suas próprias

histórias e experiências relacionadas aos rios, contribuindo para a formação de uma rede de conexões entre as pessoas e os cursos d'água que desempenham um papel crucial em nossas memórias ancestrais.

Além das experiências sensoriais, a exposição também abrigou ações formativas voltadas à conscientização sobre a importância da preservação ambiental e do respeito aos saberes tradicionais dos rios. Apenas em Canoas foram realizados inúmeros encontros das mais distintas etapas e setores educacionais que discutiam a relação intrínseca entre as comunidades e os corpos d'água, seja por meio da literatura, da ludicidade, da cultura popular ou da biodiversidade. A exposição tornou-se palco e temática de reuniões pedagógicas, formações continuadas, realização de formações voluntárias propostas pelos próprios professores, encontros de estagiários de cursos superiores, entre outros.

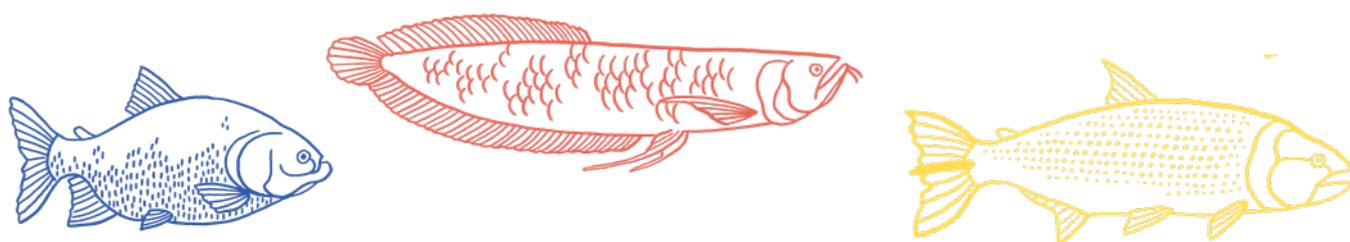
No caso da Educação Infantil, foram propostas duas formações síncronas e uma formação presencial. Denominada *Encontro das Águas*, a formação presencial realizada em 26/08/2023, provocou um impacto profundo nas mais de 50 profissionais que dela participaram. Para além de uma formação sensível e acolhedora, o evento formativo transformou-se em um encontro de vidas, reunindo docentes engajadas em uma educação reflexiva, solidária e colaborativa. Foi um momento de nutrição pedagógica que aproximou pessoas, fortaleceu vínculos e ressoou por toda a rede.

Como se pode perceber, não foi ao acaso que comparamos a exposição à nascente de um rio; afinal, ela provocou este efeito, especialmente na Educação Infantil. Como uma fonte inspiradora, os saberes que moldaram a exposição deram início a um novo curso d'água que uniu as 39 escolas municipais de Educação Infantil. Um manancial de anseios docentes, aspirações pedagógicas e desejos metodológicos que fluíram por suas águas, indo ao encontro de novas possibilidades que envolviam representatividade, valorização da cultura local e da vida em todas as suas cores e formas.

Neste novo leito, colegas de rede que se conheciam compartilhavam ocasionalmente saberes e admiravam o trabalho uns dos outros, uniram esforços em prol de um novo propósito: a sabedoria dessas águas. Apesar de não conviverem diariamente, encontraram na exposição *Fabulários* um ponto significativo de convergência para suas vidas e práticas docentes. Como legado dessas experiências, essas profissionais permanecem unidas, mantendo um diálogo constante e se fortalecendo mutuamente em um grupo que elas mesmas agora se autodenominam “Fabulárias! As escolas, suas gentes, memórias, professores, crianças e outras histórias”.

Em última análise, *Fabulários* foi mais do que uma exposição; foi uma celebração da interconexão entre a natureza e a cultura com a educação, uma oportunidade para refletir sobre nossa relação com os rios e uma homenagem às histórias que fluem como correntes, unindo passado, presente e futuro. Ao transcender o conceito convencional de exposição e transformar-se em uma celebração da diversidade cultural, tornou-se igualmente um veículo para a reflexão sobre nossa interação com a natureza, proporcionando uma oportunidade singular para nos perdermos nas histórias mágicas que fluem através das águas e das tradições. Esta exposição tocou cada uma das gentes que por ela transitou, representando para nós na Educação um fluxo contínuo de nutrição estética, lúdica e pedagógica.

Que esta pedagogia das águas nos embale e continue a nos nutrir por onde quer que vá. Obrigada, *Fabulários*!

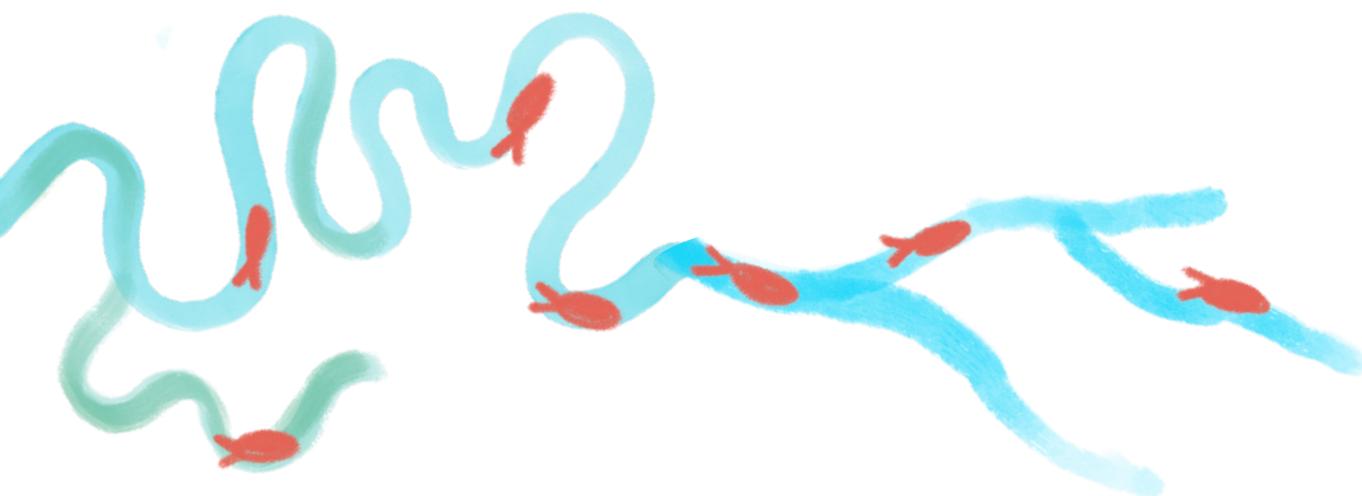


**Juliane Soares Falcão Gavião** é integrante da Escola Permanente de Formação Docente Prof.º Darcy Ribeiro e coordenadora das formações da Etapa da Educação Infantil da Secretaria Municipal da Educação de Canoas (RS)

## AS PRÁTICAS NAS ESCOLAS DE CANOAS

Com o apoio da Secretaria Municipal de Educação de Canoas, *Fabulários* realizou uma série de encontros formativos nos modos online e presencial com professores da Rede, tendo como foco a curadoria da mostra e as práticas com a natureza realizadas nas escolas de Canoas. E para valorizar o trabalho já realizado nas escolas da cidade, abrimos um edital para recebimento de relatos que pudessem compor essa nossa publicação. Assim nasceu a Cartografia das Águas, com 11 projetos selecionados que podem ser conferidos a seguir.

Aproveitamos, ainda, para agradecer e parabenizar a todas as educadoras e educadores que seguem inspirando a comunidade escolar com suas ideias e seus fazeres.



**A POTÊNCIA DA NATUREZA  
NO COTIDIANO ESCOLAR**

Adriana da Silva Guerra  
Dallacort

2

**VERDEJAR: TERRA  
E AR, FOGO E ÁGUA**  
Aline da Silveira  
Smidt

1

3

**MIUDEZAS DO JARDIM**  
Anaitê Rodriguez

4

**BRINCAR, APRENDER, SER FELIZ:  
PROPOSTAS COM NATUREZA  
NO BRINCAR E NA ARTE**  
Cláudia Maria Guardioli  
Soares

5

**INTERAÇÕES DA ARTE  
COM A NATUREZA**

Enilda Storck,  
Ana Paula Centeno  
e Aline Larini

**NOSSOS TESOUROS**  
Fernanda Alves

6

**DOS ENCONTROS DO  
VENTRE: A ÁGUA NO  
COTIDIANO DO BERÇÁRIO**  
Jéssica Freitas

**CANOA-BIBLIOTECA: PARA  
ONDE O PER(CURSO) DESSE  
RIO PODE NOS LEVAR?**

Franciele Vanzella  
da Silva e Tânia Márcia  
Tomaszewski

7

8

**HISTÓRIAS BOAS  
SOBRE A FAUNA E  
FLORA DE CANOAS:**

**PERSONAGENS  
E NARRATIVAS  
INSPIRADOS NA  
NATUREZA CANOENSE**

Jonathan Zotti  
da Silva

9

**CADA UM TEM UM QUINTAL!  
QUAL É O SEU? ESSE É O MEU?**

Rosângela Camargo Fiuza  
da Silva e Janaína da  
Cunha Sampaio

10

**PERCURSO DE  
RIO: SENTIR PELA  
LINGUAGEM DA  
NATUREZA**

Tanise Reginato

11



# 1

## VERDEJAR: TERRA E AR, FOGO E ÁGUA

Ar, fogo, água e terra. Ou então: expansão, vitalidade, fluidez e corpo. Esses conceitos foram vividos pelas crianças do Jardim 1 através de brincadeiras colaborativas com bolas, cordas, petecas, carvão vegetal, sementes, pedras e outros elementos. Foi na "praça grande", ao lado da escola, que elas vivenciaram propostas e contextos investigativos capazes de trazer percepção não somente para si, mas para o território e a relação com o outro.

## **VERDEJAR: TERRA E AR, FOGO E ÁGUA**

**Aline da Silveira Smidt**

### **INTRODUÇÃO**

“A natureza é a substância única de que todas as coisas são modos de expressão!” (CHAUI, 2001, p. 209). Nesta lógica, o Projeto intitulado “Verdejar: Terra e Ar, Fogo e Água” permeou um tributo aos elementos primordiais que constituem a vida e para além dos muros da escola, ressignificando os espaços externos e as vivências das crianças na natureza.

A proposta inspirada no olhar atento do cotidiano de crianças do Jardim 1, através das brincadeiras com elementos naturais, das relações colaborativas e da necessidade de conectar os educandos à sua integralidade, intensificou uma consciência potente e de pertencimento do mundo que nos rodeia, e de outras formas de saber viver. E foi sentindo de perto a grandeza e as formas das árvores, a mão na terra, os pés no chão e os cabelos ao vento que se percebeu a conexão transformadora de se colocar por inteiro nesse universo de experiências insubstituíveis na Praça Caravelas, carinhosamente denominada pelas crianças de “Praça Grande”, localizada ao lado da escola e palco inspirador para o desdobramento da proposição.

### **DESENVOLVIMENTO**

Em uma manhã linda de sol, nos preparávamos para formar uma roda de conversa quando sugeri imaginarmos uma fogueira ao centro. Mas precisava apresentar elementos concretos, e então me direcionei à porta da sala de aula e pedi aos pequenos que aguardassem eu buscar galhos secos no pátio. No mesmo instante, parei, olhei para as crianças e as convidei para irmos juntos até a “Praça Grande” colher os materiais. Imediatamente, e com muito entusiasmo, elas se dirigiram em busca de uma grande aventura. De mãos dadas, saímos da escola e iniciamos nosso percurso de descobertas.

Ao atravessarmos a rua, avistamos uma família de caracóis na calçada e, com olhinhos curiosos, as crianças pararam alguns instantes para apreciar os pequenos moluscos. Perceberam, então, que ao lado havia um formigueiro bem grandão e tomaram o cuidado para não machucar as formigas, que carregavam folhas de árvores desproporcionais ao tamanho dos insetos.

Seguimos com a nossa aventura. Quando passamos em frente à minha casa, foi inevitável o pedido para entrarem e colherem pitangas e jaboticabas fresquinhas. Busquei um recipiente para colocar as frutas enquanto elas brincavam eufóricas com as minhas tartarugas.

Nossa jornada prosseguiu e o mundo ao redor deles ganhava vida. O aroma

fresco das árvores preenchia o ar. Foi quando novamente paramos para contemplar o movimento de um pássaro a comer insetos retirados da grama, tornando o momento ainda mais especial. À medida em que nosso percurso se estendia por entre a grama verde da “Praça Grande”, elementos eram colhidos por mãozinhas inquietas num processo incessante de novas descobertas – com uma imaginação vívida, se deliciaram soprando as sementes de dente de leão ao vento, proporcionando um espetáculo magnífico. Ao final da nossa jornada, sentamo-nos no pátio da escola para sentir o sabor único de cada fruta, tornando esse momento uma celebração da riqueza que a natureza nos oferece. E os galhos? Os galhos ficarão para uma próxima jornada!

### RESULTADOS

Esse percurso emergiu qualidade nas relações através do respeito consigo, com o outro e com o território, o fazer comunitário, a construção conjunta e a partilha na busca das soluções.

### CONCLUSÃO

A natureza tem a ver com nossas repercussões internas, fazemos parte e dependemos dela para a nossa felicidade, pois, segundo Gandhi (p.9, 2016) o mundo tem cor, tem cheiro, faz um monte de barulho diferente. O mundo é bom de pegar e, para ser mais completo e feliz, é fundamental que vivamos isso.

E por essa razão tão necessária para refletir e repensar ações qualitativas, fui apenas uma ponte entre as crianças e o território, ao abrir os portões da escola para que elas pudessem explorar ao máximo incríveis maneiras de aproveitar o mundo natural que as provém.



### REFERÊNCIAS

- CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 2001.  
PIORSKI, Gandhi. *Brinquedos do chão: a natureza, o imaginário e o brincar*. 1. Ed. São Paulo: Peirópolis, 2016.

 ASSISTA AO VÍDEO



## 2

### A POTÊNCIA DA NATUREZA NO COTIDIANO ESCOLAR



Tudo começou quando as crianças mostraram interesse em relação à quantidade de salada no prato de um dos colegas. Foi isso que as despertou para o início de uma relação diferente com a natureza: permitiram-se brincar com materiais diversos e se sujar sem receios; plantaram, colheram e provaram alimentos que não conheciam; divertiram-se com água e com terra; fizeram da grama um tapete natural; descobriram que na natureza podem encontrar “tesouros” com cores, formas, texturas, aromas e sabores diferentes, e que podem até transformar isso em obras de arte.

## A POTÊNCIA DA NATUREZA NO COTIDIANO ESCOLAR

**Adriana da Silva Guerra Dallacort<sup>1</sup>**

Os objetivos do relato desse trabalho são oportunizar a visibilidade das práticas desenvolvidas com a temática “Criança e natureza”, ofertada na Escola Municipal de Educação Infantil Jornalista Marione Machado Leite, situada no bairro Brigadeira em Canoas, a partir dos eixos norteadores: o cuidado consigo mesmo, com o outro e com o meio, incluindo todas as formas de vida, e apresentar alguns momentos significativos das experiências vivenciadas nos contextos da escola.

Tudo começou durante um dos momentos de alimentação, quando as crianças mostraram interesse em relação à quantidade de salada no prato de um dos colegas. Despertaram para o início de uma ligação, entre elas e a natureza, para uma outra forma de vida que precisa de cuidados e que também proporciona momentos potentes que acontecem quando estão em contato com algum elemento natural. Para que elas pudessem perceber, sentir e entender a importância dos bens naturais, que fazem parte do mundo que as cercam, foi ofertado durante as suas jornadas nos contextos da escola, espaços pensados para que pudessem brincar, explorar, conhecer e investigar, a partir de seus interesses e de alguns achados que chamaram a atenção delas.

Essa aproximação mostrou-se efetiva, pois proporcionou mudanças em relação ao olhar de algumas crianças que foram se resignificando. Permitiram-se brincar com diferentes materiais naturais como sementes, caroços, cascas de árvores, diversos tipos de folhas, cascas de pinhão, sabugos de milho, gravetos e pedras. Se sujaram sem receios, plantaram, colheram e provaram alimentos que não conheciam, como a ameixa de inverno e a pitanga, que colhemos diretamente do pé, além de alguns tipos de vegetais, folhas e frutas, como a couve e o tomate que plantamos e que são ofertados na escola. Se no início esses alimentos eram recusados, atualmente algumas crianças, antes de dizerem que não querem algo, pedem para experimentar um pouquinho.

Também divertiram-se com água, terra, areia e argila. Fizeram comidinhas, bolinhos com recursos de potes, e ainda teve açaí, tentativas de construção de castelos até surgir um formigueiro. Ali, a grama se transformou num

---

<sup>1</sup> Licenciada em pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Especialista em Educação pelo Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia Sul-rio-grandense – IFSUL. Professora da Rede Municipal de Ensino, [adrianaaguerra@edu.nh.rs.gov.br](mailto:adrianaaguerra@edu.nh.rs.gov.br). EMEI Jornalista Marione Machado Leite.

tapete natural. Descobriram que na natureza encontram “tesouros” com cores, formas, texturas, aromas e sabores diferentes, e que podem até utilizar isso para transformar a matéria em obras de arte, pois criaram e recriaram mandalas e outras formas a partir destes materiais. Descobriram que na natureza habitam seres incríveis, como sapos, minhocas, aranhas, lagartas, borboletas, caracóis e os pássaros, que visitam e moram no saguão, inofensivos quando respeitamos seus espaços.

Foram momentos ricos e singulares das vivências cotidianas das crianças interagindo com a (e na) natureza no ambiente escolar, que também se estendeu aos espaços no entorno da escola e seus lares.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Criança; desemparedamento, brincar, natureza.



### **REFERÊNCIAS**

BECKER, Daniel, SOLÉ, Dirceu, TING, Emmalie, EISENSTEIN, Evelyn, FILHO, José Martins, FLEURY Laís, SILVA Luciana Rodrigues, BARROS Maria Isabel Amando de, GHELMAM Ricardo e WEFORT Virginia Resende Silva. *Manual de Orientação: Benefícios da Natureza no Desenvolvimento de Crianças e adolescentes*. 2019. 28p.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília/DF: Secretaria de Educação Básica: MEC, CNE, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#introdução>>. Acesso em 29 jul. 2023.

Novo Hamburgo. *Organização da Ação Pedagógica: Educação Infantil*. Documento Orientador – Caderno 2 – 2020.

BARROS, Maria Isabel Amando de. *Desemparedamento da Infância: a Escola como Lugar de Encontro com a Natureza*. 2. ed. Rio de Janeiro: Alana, 2018.

 ASSISTA AO VÍDEO



### 3

### MIUDEZAS DO JARDIM



Fora das quatro paredes da EMEI Vó Lola, as crianças brincaram livremente, assistidas pela professora que preparou o ambiente para que a investigação pudesse acontecer com protagonismo e autoria. Na horta, a observação das formigas chegou como um convite ao encantamento – tal qual nos diz a mestra Lydia Hortélio sobre a relação das crianças com o meio natural: “A natureza traz em si desafios físicos e estéticos que maravilham as crianças a se aventurar. Entre essas aventuras e explorações, acham animais que habitam esses lugares, os insetos com seus ruídos, cores e formatos peculiares.” E então tudo transformou-se em narrativa, numa mistura de linguagens e expressões.

## MIUDEZAS DO JARDIM

**Anaitê Rodriguez**

As crianças têm espírito explorador e amam tocar, cheirar e descobrir o que está em volta. Essa vivência com a natureza foi realizada fora de quatro paredes, na EMEI Vó Lola, onde puderam brincar livremente, experimentar e observar.

A curiosidade das crianças as torna autoras da própria aprendizagem. Sob a ótica do professor, norteado pela cultura da infância, é possível compreender as suas múltiplas capacidades de interpretar o mundo em que vivem, observando e discutindo com os colegas.

O papel do professor é mediar esse processo, de modo que a criança se expresse com as mais diversas linguagens para avançar em sua aprendizagem. A criança traz consigo conceitos cotidianos, através de problemáticas que surgem durante as propostas que geram a vontade de investigar para solucionar ou concretizar suas hipóteses.

Nossas investigações sobre as Miudezas do jardim iniciaram com as crianças explorando a horta. Em uma das idas, as crianças observaram as formigas. Conforme Lydia Hortélio (2004) diz sobre a relação das crianças, sabemos que “a natureza traz em si desafios físicos e estéticos que maravilham as crianças a se aventurar. Entre essas aventuras e explorações, acham animais que habitam esses lugares, os insetos com seus ruídos, cores e formatos peculiares.”

Abaixo, algumas narrativas que trazem questionamentos entre elas e propostas intencionais ao uso de elementos naturais para instigar suas pesquisas, criando repertório de aprendizagens que vão da manipulação a pesquisas feitas por outras interrogações.

As primeiras narrativas com a observação na horta:

Profe, para onde elas vão? – Thiago.

Vão para a casa delas. – Samuel V.

Bem lá longe, elas estão indo por ali! – Pietro, apontando para um canto a casa das formigas.

Por que as formigas não aparecem na chuva? – Pietro aponta para o céu.

A formiga quer se esconder. – Melquisedec.

Elas estão dentro de casa. – Thiago.

Ela fica com a mãe, a rainha! – Melquisedec.

Conforme aprendem sobre o contexto investigado, as crianças criam novas perguntas e hipóteses.

A formiga é muito forte, ela consegue carregar uma pedra! – Samuel V.  
De onde vem para onde vai a formiga? – Gabrielle

Nas imagens, referências das próprias crianças em sua evolução com a exploração dos espaços internos e externos que estão presentes em seu cotidiano. As propostas diárias, o lúdico, a arte, a leitura, as diferentes linguagens e as experiências vivenciadas são momentos que proporcionam a construção espontânea do conhecimento, onde a criança é autora de sua aprendizagem e cultura. Como o autor Richard Louv (pag. 16) define a liberdade da criança em aprender e descobrir, “basta deixá-las imaginar, observar, investigar, vivenciar e criar com as ferramentas naturais que elas têm, que é a natureza é a principal delas. Deixá-las serem crianças na essência do que a criança é.”

A formiga vai fazer o caminho para a rainha! – Samuel V.  
Vai fazer uma surpresa! – Maria Cecília.  
As comidas para as formigas e outros bichinhos! – Leonardo.

Com esse estudo, percebemos a importância de dar continuidade à escuta das crianças, havendo o protagonismo de sua aprendizagem. As crianças têm olhos atentos e limpos para o maravilhamento do mundo.



#### REFERÊNCIAS

HORTÉLIO, Lydia. Revista Saberes em foco, 2004.

LOUV, Richard. *A última criança na natureza: Resgatando nossas crianças do transtorno de deficit da natureza*. Tradução Alyne Azuma. 1ª ed., São Paulo, 2016.

PIORSKI, Gandhy. *Brinquedos do chão: a natureza, o imaginário e o brincar*. 1. Ed. São Paulo: Peirópolis, 2016.

 ASSISTA AO VÍDEO



## 4

### **BRINCAR, APRENDER, SER FELIZ: PROPOSTAS COM NATUREZA NO BRINCAR E NA ARTE**

A água como elemento brincante. Aqui, as propostas aconteceram de formas diversas, revelando a importância do convívio nos ambientes externos da escola. Por meio da culinária com utensílios de cozinha, das produções artísticas com elementos reciclados e uma coleção de materiais e materialidades, desde 2021 uma coisa é certa: quanto mais contato com a natureza, mais tranquilidade e felicidade fazem parte do desenvolvimento infantil e das percepções que as crianças têm de si mesmas.

## **BRINCAR, APRENDER, SER FELIZ: PROPOSTAS COM NATUREZA NO BRINCAR E NA ARTE**

**Cláudia Maria Guardiola Soares<sup>1</sup>**

Na minha caminhada como professora de educação infantil, fui aprendendo o quanto é forte uma escola que promove um cotidiano rico em contato com a natureza para suas crianças. Uma escola que estimula o interesse e promove a alegria de aprender brincando.

“De um espaço aberto com areia grossa, brinquedos fixos e um convite a somente correr, as crianças transformaram o pátio em um grande laboratório e nos convidam a olhá-lo desta forma.” (HORN e BARBOSA, 2022, p. 62)

Sendo assim, com o passar dos anos, venho aprimorando meu olhar para as pesquisas e produções realizadas pelas crianças em todas as faixas etárias da educação infantil. Além disso, o contato com elementos naturais e o brincar na área externa da escola enriquece, de maneira encantadora, essas interações.

(...) defendemos que as unidades de educação infantil sejam guardiãs do patrimônio imaterial das crianças e das infâncias, zelando para que seu encantamento com o mundo perdure e as acompanhe por toda a vida adulta, pois a Pedagogia das Miudezas está comprometida também com a criança que existe e resiste no adulto. (RIBEIRO, 2022, p. 158)

Nosso pátio da EMEI Vó Maria Aldina tem horta aérea organizada em garrafas de amaciantes/detergentes presas em paletes, tem pedrinhas, tem decoração de mandalas confeccionadas com tampinhas, tem muita criatividade e carinho para tornar o dia na escola mais acolhedor. Tem também a mágica de um jardim florido em canteiros demarcados com pneus velhos, tem casinha de garrafa pet numa estrutura de madeira toda construída pelas educadoras para as crianças. Temos próximo à praça uma cozinha feita por um pai que utilizou paletes, CDs descartados e tampinhas. Nela, as crianças realizam receitas imaginárias com panelas e utensílios de cozinha de verdade, potes reciclados e embalagens de bolos.

O pátio da escola também é lugar de muitas produções artísticas. Destaco aqui

---

<sup>1</sup> Professora de Educação Infantil há 14 anos na rede pública de Canoas/RS – EMEI Vó Maria Aldina, Especialista em Ação Educativa na Educação Infantil pela Unilasalle/RS, Bacharel em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda pela PUC/RS).

a proposta utilizando saco plástico furado ou diversos tipos de embalagens de spray com água e tinta, além de experiências com diversos materiais e materialidades (realizadas em turmas de maternal 2 (3-4 anos) entre 2021 e 2023 - pós pandemia onde ficou forte a necessidade de estar próximo à natureza).

É lindo ver as crianças na rua brincando e fazendo tantas descobertas, usando folhas coloridas como saladas ou temperos para seus quitutes, também realizando pinturas em tampas de embalagens de isopor como se fossem telas, inspiradas nas flores e folhagens do jardim. Chamo a atenção que nada impede que, de forma complementar, a natureza venha da rua e ingresse na sala de referência em propostas científicas e lúdicas. No Rio Grande do Sul, temos a comemoração do Dia do Gaúcho, o que levou as crianças a investigarem sobre a erva-mate típica do chimarrão, sentindo sua textura, misturando-a com água, observando sua consistência em recipientes e utensílios diversos, não deixando de brincar em receitas e misturas com farinhas, terra, folhas e pedrinhas.

Com muita certeza, quanto mais contato com natureza, mais tranquilidade e felicidade farão parte do desenvolvimento infantil e mais percepções saudáveis as crianças terão de si mesmas. Como uma professora sensível e investigadora, eu realizo frequentemente descobertas incríveis sobre a importância e a beleza de tudo isso! É um divisor de águas participar desses momentos simples e naturais de pura felicidade e imaginação infantil em suas tantas constatações sobre o mundo!

O ser humano se alimenta de partes iguais de suas fantasias e de suas recordações, por isso que prestamos especial atenção a ambos os aspectos, tanto para gerar alegria pelos projetos futuros, como para ajudar a selecionar e guardar lindos momentos de vida. Na infância, isso requer algo palpável, algo visível que, como um gatilho, faça-os lembrar o quanto são amados ou o que pensam sobre eles. (Ángeles e Isabel Abellera Bardança, 2018, p. 45)



#### REFERÊNCIAS

HORN, Maria da Graça Souza. *Abrindo as portas da Educação Infantil: viver e aprender nos espaços externos* / Maria da Graça Souza Horn, Maria Carmen Silveira Barbosa. – Porto Alegre : Penso, 2022.

BARDANCA, Ángeles Abelleira. *Os fios da infância* / Ángeles Abelleira Bardanca, Isabel Abelleira Bardanca; tradução de Tati Romero. São Paulo: Phorte, 2018.

RIBEIRO, Bruna. *Pedagogia das Miudezas: saberes necessários a uma pedagogia que escuta*. São Carlos-SP: Pedro & João Editores, 2022.



## 5

### INTERAÇÕES DA ARTE COM A NATUREZA

Folhas de texturas diferentes, sementes variadas, gravetos de tamanhos e espessuras diferentes, terra e água em temperaturas variadas. Tudo se constrói e se transforma: tocos de madeira viram celulares, máquinas fotográficas e estetoscópio, e grandes torres despertam a imaginação. Mas isso só acontece por um motivo: os olhares capazes de perceber esta diversidade da natureza.

## INTERAÇÕES DA ARTE COM A NATUREZA

**Enilda Storck, Ana Paula Centeno e Aline Larini**

Há espaços que fazem com que as crianças se sintam valorizadas e à vontade, onde as vivências abrem espaço para um encontro de possibilidade que levam à criação. Na turminha do Maternal 1 da EMEI Vó Lola, não é diferente, pois nessa escola as propostas são direcionadas para que as crianças sejam as protagonistas de suas vivências.

“Pois a arte é infância. Arte significa não saber que o mundo já é, e fazer parte um. Não destruir nada que se encontra, mas simplesmente não achar nada pronto. Nada mais que possibilidades. Nada mais que desejos. E, de repente, ser realização, ser verão, ter sol. Sem que se fale disso, involuntariamente. Nunca ter terminado. Nunca ter o sétimo dia. Nunca ver que tudo é bom. Insatisfação é juventude.” Rainer Maria Rilke (2007)

Os materiais utilizados são os mais variados, para que as crianças possam explorar os diferentes elementos da natureza, como folhas de texturas diferentes, sementes variadas, gravetos de tamanhos e espessuras diferentes, terra e água em temperaturas diversas. Também são utilizados materiais específicos para complementar as propostas, tais como papelotes, lantejoulas e cola, entre outros. O que não pode faltar é o olhar para perceber esta diversidade. E como as crianças interagem e manipulam os materiais. Como brincam e elaboram suas construções e pesquisas.

Experimentos utilizando a construção de torres é muito comum, mas usar a imaginação é o que mais se sobressai entre as crianças. Os tocos de madeira se transformam em celulares, máquinas fotográficas e estetoscópio, fluindo diversas brincadeiras entre eles.

“As forças mais profundas que vivem no íntimo da criança, só podem ser tocadas e avivadas pelo brinquedo mais sadio do mundo: brinquedo chamado natureza.” KISHNICK, Rudol

O repertório com brincadeiras da água em suas temperaturas variaram entre faz de conta nas brincadeiras de comidinhas, bandejas de experimentação e banho de bonecas. Uma fonte de inspiração e investigação para as crianças.



### REFERÊNCIAS

RILKE, Rainer Maria. *Cartas do poeta sobre a vida*. São Paulo: Martins, 2007.  
MACHADO, Ana Lúcia. *Brincando com os 4 elementos da natureza*, 2016.

 ASSISTA AO VÍDEO



## 6

### NOSSOS TESOUROS



Se o ambiente é um terceiro educador, o território natural é capaz de aguçar os sentidos. Foi na volta da pandemia, constatando o tempo parco das crianças na natureza, que esse projeto nasceu, promovendo um cotidiano de coletas e investigações das miudezas, além do envolvimento das famílias na construção de uma horta.

## **NOSSOS TESOUROS**

**Fernanda Alves**

### **INTRODUÇÃO**

Nosso projeto nasceu de uma forma muito leve em nosso cotidiano. Observamos que, cada vez mais, as crianças do berçário misto passam menos tempo com a família, e, por relatos das mesmas, o pouco contato com a natureza se faz presente.

Ao voltar da pandemia, observamos que as crianças apresentavam mais receios em sujar-se, explorar texturas e tintas. Pensando nisso, surgiram os questionamentos: Como estimular? Qual metodologia? Quais materiais? E a resposta estava ali no território natural da nossa escola, a Emei Pé de Moleque.

### **DESENVOLVIMENTO**

O brincar na natureza é uma experiência que proporciona inúmeras possibilidades, como o vento que balança os cabelos, a formiguinha carregando a folhinha, a minhoca de verdade que não é de massinha de modelar, a água que escorre entre os dedos, a fruta encontrada no pátio da escola, entre outras riquezas na sua infinitude.

Ao ampliar o nosso olhar, começamos a perceber que o território natural em nossa escola poderia se tornar um terceiro educador, pois nele as crianças demonstram aguçar seus sentidos. Percebemos, ainda, que os olhares ficam mais atentos, a audição mais refinada, elas escutam os passarinhos, o som dos caminhões que passam na avenida ao lado, encantam-se com o avião e, mesmo antes de vê-lo, já falam: “vião, vião”, pois escutam primeiro o som do mesmo que se aproxima.

Segundo Tiriba (2018, p. 33) “as crianças têm o direito de experimentar, aprender, brincar, explorar, se esconder e se encantar com e na natureza, e que os esforços para que isso de fato aconteça devem ser de responsabilidade dos diferentes setores da nossa sociedade, incluindo as escolas”.

Ao brincar na natureza, as crianças – na maioria das vezes – apresentam focos diferentes. Nisso, percebemos que os conflitos diminuem, o interesse aumenta e o envolvimento em relação ao tempo de concentração amplia-se. Sobre isso, também, Tiriba (2018 p. 81) questiona: “Você já observou que liberdade e tempo para brincar em espaços abertos e naturais favorecem a curiosidade, a concentração, o interesse e a disposição para aprender?”

Iniciamos o ano envolvendo as famílias na construção da nossa horta, onde recebemos terra e mudinhas de chá e temperos.

Pensando em dar mais destaque para nossas explorações, criamos um cesto chamado de “Nossos Tesouros”, o qual levamos junto para o pátio para que assim possamos colher os tesouros encontrados (folhas, flores, pedras, galhos) e, posteriormente, usarmos isso em nossas propostas.

Nosso maior desafio é estarmos atentos às minúcias das descobertas, com o olhar bem aberto para as possibilidades que podem surgir. Aqui, não quero romantizar a vida do educador, pois sabemos que muitas vezes a realidade da rotina nos poda de uma forma avassaladora, mas somos resistentes e estamos sempre buscando formas de contemplar, de forma efetiva, os direitos das crianças, como esse contato primordial com a natureza, para que possam se desenvolver de uma forma plena e rica de aprendizagem e memórias afetivas.

Um exemplo sobre precisarmos estar com o olhar atento para as pesquisas em meio a natureza é que, em um certo dia, durante o brincar no pátio gramado, Izabella encontrou uma laranja caída no chão, e de imediato falou: “Boia, prof, boia”. Ali iniciou-se um diálogo sobre a bola encontrada, e somente após sentirem a textura e o aroma é chegaram à conclusão que era uma fruta. Abrimos aquela bola e veio a descoberta das crianças de que se tratava de uma laranja. Após dividirmos a fruta, pediram mais e iniciou-se outro questionamento: De onde veio? De que árvore? Assim iniciamos a pesquisa pelo pátio e observamos as árvores, quando Melissa gritou: “Ali, ali um monte”, demonstrando grande euforia em ter solucionado a questão. E agora tínhamos mais um desafio: Como pegar? Era muito alto, mas juntos pesquisamos, observamos e fizemos dessa tarde um momento rico em aprendizagem.

Diante disso, queremos frisar como foi e está sendo importante essa interação com a natureza. Já observamos que as crianças estão aceitando melhor as texturas e o contato com tintas, e apresentam também cuidado com as plantinhas e animais, “sujam-se” sem receio e aproveitam cada instante desenvolvendo a motricidade, a firmeza e a coordenação motora para explorar diversos solos e texturas.



#### REFERÊNCIAS

BARROS, Maria Isabel Amando de. *Desemparedamento da Infância: a Escola como Lugar de Encontro com a Natureza*. 2. ed. Rio de Janeiro: Alana, 2018.

 ASSISTA AO VÍDEO



## 7

### **CANOA-BIBLIOTECA: PARA ONDE O PER(CURSO) DESSE RIO PODE NOS LEVAR?**

Qual é o impacto que uma canoa-biblioteca pode gerar em uma exposição? Essa pergunta guiou um trabalho de formação com as professoras. A partir do acervo da mostra, três percursos literários foram criados, para que todas as participantes pudessem juntas apreciar os livros e debater cada escolha. Pensar o lugar da mediação em uma exposição de arte é também uma forma de chegar às crianças. E, se falarmos em formação leitora, se encantar primeiro para então proporcionar a elas o que precisam para ler o mundo. Dos encontros ainda surgiu uma atividade, inspirada em umas das propostas do Educativo: a criação de um livro-rio artesanal.

## **CANOA-BIBLIOTECA: PARA ONDE O PER(CURSO) DESSE RIO PODE NOS LEVAR?**

**Franciele Vanzella da Silva e Tânia Márcia Tomaszewski<sup>1</sup>**

A literatura é uma necessidade universal experimentada em todas as sociedades, desde as que nós chamamos primitivas até as mais avançadas, o homem tem necessidade é [de] fabular, é [de] fabulação, porque é um [processo de] complemento da vida. E nessa fabulação, como dizia Goethe, o homem entra na literatura e quando sai dela, sai mais rico e compreendendo melhor o mundo. (Candido, 2019).

Nas possíveis definições em dicionários, ‘fabular’ significa criar, inventar, fantasiar, narrar fatos imaginários ou não. Candido (2014, p.174), além de afirmar que a literatura é uma necessidade universal, acredita que “[...] ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguma espécie de fabulação”.

Os livros são alguns dos objetos portadores de fabulações, apesar de não serem os únicos, como pudemos vivenciar na riquíssima exposição *Fabulários*, em Canoas (RS). As “narrativas das águas, suas gentes, memórias, plantas, bichos e outros seres”, frase que define essa exposição interativa, estão presentes em objetos, imagens, vídeos e experiências sensoriais em cada espaço da Casa dos Rosa. Mas é na “canoas-biblioteca”, um dos espaços da exposição, onde os livros estão dispostos em prateleiras com formato de embarcação, que iremos deter nosso olhar.

Bajour (2012, p. 31) afirma que precisamos acreditar na capacidade das crianças e instigar os leitores oferecendo a eles “[...] livros que os desafiam, que não os infantilizam, que os convidam a ser ativos pesquisadores de como os textos são produzidos e não apenas reconstrutores de argumentos. Livros que dialogam com a sensibilidade estética das crianças [...]”. A seleção dos livros que ocupam a ‘canoas-biblioteca’ foi realizada pela equipe do Educativo da exposição com um olhar cuidadoso e respeitoso às infâncias, exatamente como sugere a pesquisadora argentina Cecilia Bajour.

Pensando na potência deste espaço da exposição *Fabulários*, onde os livros literários ocupam um lugar privilegiado, entendemos que precisávamos conversar sobre eles com as professoras da rede municipal de Canoas (RS). Decidimos então organizar uma formação contemplando professoras da

---

<sup>1</sup> Professoras da Rede Municipal de Canoas (RS) e Mestrandas em Educação na UFRGS.

Educação Infantil e Anos Iniciais, com o objetivo de explorarmos juntas as águas dessas narrativas encantadoras, pensando em alguns percursos literários possíveis a partir das obras da canoa-biblioteca.

Iniciamos a formação navegando na “Onda”, de Suzy Lee, um livro-imagem escolhido pelas formadoras para ser o disparador da experiência de mediação literária. Após a leitura do livro, as mediadoras propuseram uma roda de conversa onde as participantes relataram as interpretações e sensações provocadas pela leitura. Foi um momento valioso de construção coletiva de sentidos.

Depois disso convidamos as participantes da formação a embarcarem na canoa-biblioteca. Cada professora foi desafiada a escolher um livro para compartilhar com o grupo, justificando o que atraiu seu olhar para ele. Os livros e os critérios de escolha foram socializados entre as participantes, rendendo conversas potentes que abriram caminho para a próxima etapa da formação: criação de percursos literários.

Uma das funções mais importantes de uma mediadora de leitura é selecionar os livros que serão lidos com as crianças. A mediação já começa na seleção. No livro “ouvir nas entrelinhas”, Bajour (2012, p.34) cita uma frase da bibliotecária e intelectual francesa Geneviève Patte que faz uma afirmação a respeito das escolhas literárias que a mediadora de leitura precisa fazer: “Selecionar não quer dizer restringir, mas ao contrário. Selecionar significa valorizar”. Dentre um oceano de excelentes possibilidades, precisamos fazer escolhas para construir alguns percursos de leitura, bem como possibilidades de mediação dessas obras junto às crianças.

Um percurso de leitura é um conjunto de livros, agrupados por um critério definido pela mediadora de leitura, que serão lidos em sequência com as crianças. Se assemelha a um projeto, pois a mediadora tem uma intencionalidade ao escolher os livros e a ordem em que serão apresentados às crianças. Porém, diferente de um projeto, não há a necessidade de um produto final. O que importa é realmente o percurso de leitura, ou seja, as conversas literárias suscitadas a partir dos livros, os questionamentos, as relações intertextuais estabelecidas com outros livros.

Compartilhamos com o grupo três percursos de leitura nos quais os critérios de seleção foram: temática, gênero literário e autoria. No primeiro percurso selecionamos livros cuja narrativa abordasse a temática “tragédias ambientais”, no segundo percurso o fio condutor que uniu os livros foi o gênero literário poesia e no terceiro percurso selecionamos livros de escritores indígenas.

Como forma de sistematização da formação propusemos a confecção de um livro artesanal com dobras e recortes que simulasse o percurso de um

rio, utilizando alguns materiais disponibilizados no “Porto-ateliê”.

Encerramos esse encontro com a sensação de que ainda há muitos percursos d’água por onde queremos navegar. As participantes manifestaram o desejo de continuar navegando por águas-formativo-literárias e então criamos um grupo chamado “Canoa(s) literárias” com objetivo de realizar a leitura e conversa literária de livros para as infâncias. Qual é o impacto que uma canoa-biblioteca pode gerar em uma exposição? Não conseguimos mensurar. O fato é que essa canoa não habita apenas a exposição Fabulários. Ela segue reverberando dentro das professoras e ressoando em práticas literárias potentes em sala de aula na rede municipal de Canoas (RS).



#### REFERÊNCIAS

BAJOUR, Cecília. *Ouvir nas entrelinhas - o valor da escuta nas práticas de leitura*. São Paulo: Editora Pulo do gato, 2012

CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 4. ed. São Paulo: Duas cidades, 2004.

CANDIDO, Antonio. *Antônio Candido: Sobre a importância da literatura*. YouTube, 3 de fev. de 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=cnsme4naaNE&t=55s>. Acesso em: 05 de out de 2023.

 ASSISTA AO VÍDEO



8

## DOS ENCONTROS DO VENTRE: A ÁGUA NO COTIDIANO DO BERÇÁRIO

O reencontro entre bebês e água, elemento que nos constitui, que está no balanço do ventre, que flui e conecta. Foi no verão, logo na chegada à vida escolar, que os bebês notaram os pingos que caíam do ar-condicionado. De forma natural, como quem busca a lembrança de um dia que já esteve tomado por todo esse elemento, se entregavam às gotas pelas mãos, língua, pés e braços. A observação, que nasceu de um momento casual, virou planejamento e compôs um projeto de investigação, transpondo a outras materialidades, superfícies e possibilidades.

## **DOS ENCONTROS DO VENTRE: A ÁGUA NO COTIDIANO DO BERÇÁRIO**

**Jéssica Freitas<sup>1</sup>**

### **INTRODUÇÃO**

Partindo da observação do encantamento que os bebês apresentam, bem como da compreensão sobre a potência criativa e dos benefícios que o elemento água pode trazer, desde o princípio esse elemento foi se fazendo presente no planejamento elaborado pelas educadoras do Berçário 2 na Escola de Educação Infantil (EMEI) Gilda Schiavon no município de Canoas. Assim, é dos encontros entre bebês e as águas que foram surgindo o que se constitui na escrita deste trabalho.

### **ÁGUA QUE CONVOCA**

A água que nos constitui, que nos infiltra, que está no balanço do ventre quando o bebê ainda em recolhimento é capaz de sentir sua fluidez. Nessa mesma fluidez é que no verão, logo de sua chegada na escola, os bebês notaram os pingos que caíam do ar-condicionado e, de forma natural, como quem busca a lembrança de um dia que já esteve tomado por todo esse elemento, foram ao seu encontro. Num primeiro momento sentindo através das mãos os pingos que caíam e, aos poucos, percebendo pela língua, pelos braços e pelos pés. Da mesma forma a poça que havia se formado em um dia de chuva chama atenção, puxa o olhar, convoca o corpo a participar de uma experiência que diz de uma inteireza, de uma disponibilidade, da entrega a esse elemento, assim como solicita a cumplicidade dos adultos que observam e que devem reverenciar sua liquidez percebida pelos pequenos. Esses são dos encontros casuais que foram acontecendo no decorrer do ano, mas também os encontros “planejados” pelas educadoras renderam experiências potentes.

### **ÁGUA NO ENCONTRO COM A ARGILA**

O dia era de sol e de calor; após dias de muita chuva, o convite em estar na rua e viver de forma intensa o ambiente externo se fazia urgente. Um tapete contendo elementos naturais como argila, pinhas, sementes, folhas e galhos foram esteticamente arrumados, bem como disponibilizados pequenos recipientes como potes e panelas. Um elemento diferente acabou fazendo parte desse cenário e da intencionalidade das educadoras: um filtro de água de barro. Em um primeiro momento, os bebês se lançaram às argilas, ao manuseio, ao encontro das mãos com o barro duro, à observação do toque dos dedos que vai ficando marcado e marcando o chão, as paredes, o colega. O filtro, em um primeiro momento, passou despercebido, pois é um elemento

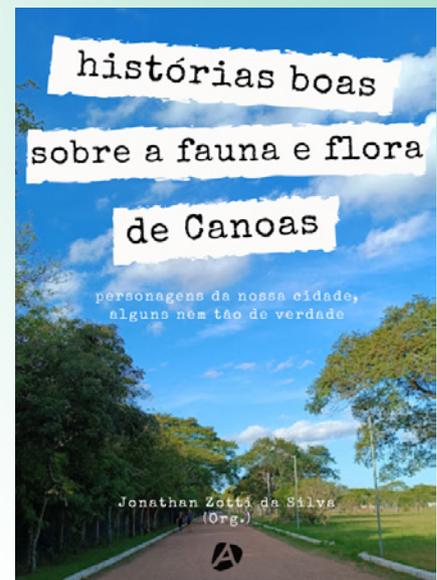
---

<sup>1</sup> Professora na rede de Educação Infantil do Município de Canoas.

presente no cotidiano dos bebês, mas tão logo notaram que havia água, eles se lançaram a essa descoberta. A água então escorreu pelas mãos, pela boca, tomou o corpo, misturou-se com a argila e passou a imprimir sua marca pelo espaço. A experiência, então vivenciada, pode ser ilustrada pelo vídeo indicado no final do texto.

O registro do vídeo evidencia a água que é movimento, que é vida, que é trajetória e conexão das mais profundas e intensas. Sendo um elemento que transborda pelas mãos, não é possível “controlar” sua expansão, contornar seu espaço e isso movimentava o encantamento, a curiosidade, as experiências. Água é ciranda, vida e deslumbre!

 **ASSISTA AO VÍDEO**



9

## HISTÓRIAS BOAS SOBRE A FAUNA E FLORA DE CANOAS: PERSONAGENS E NARRATIVAS INSPIRADOS NA NATUREZA CANOENSE

Certa vez, o educador ouviu de Léa Tiriba que as crianças indígenas sabiam desenhar animais e vegetais com muito mais especificidade do que crianças que viviam no ambiente urbano. Daí surgiu a inspiração para organizar uma sequência didática sobre a fauna e a flora de Canoas, com as crianças do Ensino Fundamental – lindamente desemparedadas neste projeto de pesquisa, imaginação e criação, onde foi possível desenvolver personagens, estudar diferentes espécies nativas de plantas e animais e construir um livro coletivo.

## HISTÓRIAS BOAS SOBRE A FAUNA E FLORA DE CANOAS: PERSONAGENS E NARRATIVAS INSPIRADOS NA NATUREZA CANOENSE

**Jonathan Zotti da Silva<sup>1</sup>**

### INTRODUÇÃO

O município de Canoas possui uma extensão territorial de aproximadamente 131 km<sup>2</sup>, conforme dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)<sup>2</sup>. Não se trata de um município com um território vasto. No entanto, ainda que seja uma cidade essencialmente urbana, possui uma grande biodiversidade. Uma das razões é a diversidade de corpos d'água sendo banhada pelos rios Gravataí, Jacuí e dos Sinos. Além de regiões de banhado, a cidade é atravessada por pelo menos cinco arroios: Araçá, Brigadeira, Igara, Sapucaia e São José. Apesar da especulação imobiliária consumindo áreas de mata preservada, a cidade também conta com capões, matas, parques e áreas de preservação permanente, que abriga muitas espécies nativas, de vegetais e animais.

Investigar essa biodiversidade coloca-se como uma tarefa rica em aprendizagens, em todos os componentes curriculares e campos de experiência, em todas as etapas da Educação Básica. Pelo menos foi o que, sendo professor dos anos finais do Ensino Fundamental, aprendi ao acompanhar as atividades do X Congresso Estadual da Educação Infantil, principalmente na fala da Léa Tiriba, e a chegada em Canoas da exposição *Fabulários – as águas, suas gentes, memórias, plantas, bichos e outros seres*, com curadoria de Gabriela Romeu. Como professor de Língua Portuguesa para duas turmas de 6º do Ensino Fundamental, resolvi encarar o desafio de elaborar uma proposta didática com o objetivo de desenvolver nos meus estudantes ações que promovam o desenvolvimento da biofilia, ou seja, “uma afeição pelas coisas vivas” (TIRIBA, 2010, p. 7). Assim, este texto tem como objetivo relatar a experiência de uma sequência didática desenvolvida nos sextos anos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Prefeito Edgar Fontoura com o objetivo de elaborarem narrativas curtas com personagens inspirados na fauna e na flora de Canoas, que culmina na publicação de um livro.

---

<sup>1</sup> Doutorando em Educação (UNILASALLE), Mestre em Letras (UFRGS). Especialista em Mídias na Educação (UFRGS), Educação (IFSUL) e Gestão Escolar (IFRS). Licenciado em Letras (UFRGS). Atualmente é professor de Língua Portuguesa na EMEF Prefeito Edgar Fontoura e assessor na Casa de Avaliação Externa: Canoas Avalia.

<sup>2</sup> Conforme dados disponíveis em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/canoas/panorama>. Acesso em: 18 out. 2023.

## DESENVOLVIMENTO

A inspiração para organizar a sequência didática aqui relatada veio de uma fala de Léa Tiriba, que apontou que as crianças indígenas sabiam desenhar animais e vegetais com muito mais especificidade do que crianças que viviam no ambiente urbano. Assim, as crianças indígenas estão mais propensas a desenhar uma árvore de maneira muito específica, representando espécies nativas, do que crianças que crescem em ambiente urbano. Tiriba e Profice (2019, p. 11) analisam resultados de uma pesquisa e afirmam que “crianças Tupinambá desenharam 30 tipos vegetais (13,4% genéricos e 86,6% específicos) e 43 tipos animais (86,6% silvestres e 14% domésticos)”; por outro lado, “crianças de Nova Iorque desenharam 12 tipos vegetais (75% genéricos e 25% específicos) e 22 tipos animais (82% silvestres e 18% domésticos)” (TIRIBA; PROFICE, 2019, p. 12).

Ainda não havia parado para pensar que eu também desenharia árvores de maneira genérica, como muitos dos meus estudantes. Portanto, seria preciso que, antes de criarem seus personagens e escreverem suas narrativas, os estudantes conhecessem espécies nativas animais e vegetais. Assim, utilizamos como base o livro *Flora e fauna do Rio Gravataí e ambientes associados* (CARDOSO, 2016), que está presente na biblioteca de diversas escolas municipais de Canoas.

O livro teve uma ótima recepção por parte dos estudantes, que adoraram conhecer as espécies animais e vegetais relacionadas ao rio Gravataí, que separa Canoas da capital gaúcha. Após estudarem esses seres vivos (sabendo inclusive os nomes populares e científicos das espécies), os estudantes deveriam criar um personagem inspirando-se em, pelo menos, um desses seres vivos, conforme uma das habilidades previstas na Base Nacional Comum Curricular<sup>3</sup>. Para isso, deveriam desenhá-lo, traçar um perfil com suas características e história de vida e, então, elaborar uma narrativa em primeira ou terceira pessoa, apresentando o personagem criado.

Apesar de diversos escolherem a capivara como base para seus personagens, muitos estudantes escolheram animais e vegetais nativos e foram criativos na hora de inventar os personagens. Um exemplo disso é a criação da “Cagarida”, uma mistura entre um cágado-de-barbelas (*Phrynops hilarii*) e uma margarida-do-banhado (*Senecio bonariensis*), que, como pode ser visualizada na Figura 1, lembra um pouco a estética do anime Pokémon, que

---

**3** (EF67LP30) Criar narrativas ficcionais, tais como contos populares, contos de suspense, mistério, terror, humor, narrativas de enigma, crônicas, histórias em quadrinhos, dentre outros, que utilizem cenários e personagens realistas ou de fantasia, observando os elementos da estrutura narrativa próprios ao gênero pretendido, tais como enredo, personagens, tempo, espaço e narrador, utilizando tempos verbais adequados à narração de fatos passados, empregando conhecimentos sobre diferentes modos de se iniciar uma história e de inserir os discursos direto e indireto.

muitas vezes mistura animais e plantas. Um trecho da narrativa criada pelo estudante diz o seguinte:

A Cagarida é um cágado-de-barbelas muito amado por todos, com seu casco cheio de margaridas-do-banhado, que exala um cheiro muito bom. Ela é uma atração do MiniZoo, mas, enquanto ninguém está visitando o zoológico, ela brinca com seus amigos e ela sempre vai continuar sendo amada pelo povo.

Ao final dessa sequência didática, que ainda está em curso, as criações dos estudantes serão reunidas e publicadas em uma coletânea chamada *Histórias Boas sobre a Fauna e Flora de Canoas*, cuja capa se pode ver na Figura 2.

Até o fim dessa sequência, planeja-se visitar o ambiente natural do Parque Municipal Getúlio Vargas (conhecido como Capão do Corvo), que fica próximo à escola, bem como o MiniZoo de Canoas, que fica dentro do parque. Além disso, também está previsto um passeio a pé da escola até o Museu Municipal Parque dos Rosa para visitar a exposição *Fabulários*.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste trabalho foi relatada a experiência de uma sequência didática que envolve criação de personagens e o estudo de espécies nativas de plantas e animais. Destaca-se que estão sendo muitas as aprendizagens nesses processos de ensinar e aprender, mas que não puderam ser relatadas pelo limite dessa publicação.

Por fim, reforço que os conhecimentos que construí a partir de discussões da Educação Infantil ainda têm ambiente próspero no Ensino Fundamental; afinal, o conhecimento não está preso entre paredes. Assim, também é preciso desemparedar no Ensino Fundamental. Estamos aprendendo.



### **REFERÊNCIAS**

- CARDOSO, S. L. *Flora e fauna do Rio Gravataí e ambientes associados: guia ilustrado físico e biótico da bacia hidrográfica do sistema Gravataí*. Gravataí, RS: [s.A.], 2016.
- TIRIBA, L. Crianças da Natureza. In: SEMINÁRIO NACIONAL: Currículo em movimento – Perspectivas Atuais, 1., 2010, Belo Horizonte. *Anais [...]*. Belo Horizonte (MG), nov. 2010., p. 1-20. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-%20pdf/7161-2-9-artigo-mec-criancas-natureza-lea-tiriba/file>>. Acesso em: 18 out. 2023.
- TIRIBA, L. PROFICE, C. C. Crianças da Natureza: vivências, saberes e pertencimento. *Educação & Realidade*, Porto Alegre (RS), v. 44, n. 2, e88370, 2019. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/2175-623688370>>. Acesso em: 18 out. 2023.



10

## **CADA UM TEM UM QUINTAL! QUAL É O SEU? ESSE É O MEU?**

Quintalizar as infâncias e as escolas. Fazer do espaço e das relações um grande rizoma: encontros e conexões. Foi assim que a turma transpôs o portal do universo das brincadeiras para o pátio naturalizado, revelando nos sentidos de cada corpo valores e concepções diversas em relação ao tempo, ao estado, ao espaço, às vivências, ao interesse sobre tudo que é vivo, ao encontro da natureza interna e as subjetividades. Foram os interesses das crianças que guiaram cada investigação, sempre em torno da água, reconfigurando o chão da sala e as vivências planejadas para ela.

## **CADA UM TEM UM QUINTAL! QUAL É O SEU? ESSE É O MEU?**

**Rosângela Camargo Fiuza da Silva  
e Janaína da Cunha Sampaio**

### **INTRODUÇÃO**

O brincar livre está na essência da criança como recurso nas descobertas, no desbravar, no aprender e nos seus enfrentamentos do mundo, desenvolvendo autoconfiança, iniciativa, criatividade. Cada um tem um quintal! Qual é o seu? Esse é o meu? O pensar sobre a importância dos espaços livres, os pátios escolares como ambiente de socialização, seu papel no processo de aprendizado e brincar, local de pesquisa, troca de experiências, exploração, uma extensão da sala de referência, uma extensão do seu quintal individual, o despertar da consciência coletiva diante da integração do seu eu natural, contém relatos que surgiram da necessidade do olhar carinhoso do convite do pensar da infância livre na natureza dentro do espaço escolar.

### **DESENVOLVIMENTO**

O fazer parte deste eu natural na primeira infância, o conviver de forma harmônica com os quatro elementos da natureza, terra, fogo, ar, água, incluindo-se como o quinto elemento o ser humano, neste espaço temporal onde é fundamental para o desenvolvimento da criança, o brincar, explorar, criando lembranças, experiências, que serão levadas para o restante de sua vida.

Na educação infantil o brincar se faz presente no seu dia a dia. Na EMEI Professora Terezinha Santos Tergolina de Canoas, RS, uma escola é pintada de verde em uma rua sem saída, o muro de tijolos cerca todo o nosso pátio, temos um quintal muito grande, que aos olhos das crianças da primeira infância se torna maior ainda, tem uma timbauva de uns 15 metros, responsável pela sombra em dias de verão, há tocos, folhas pedras, galhos, água, de chuveiro, grama, areia, terra, brinquedos no ano de 2023, a turma Jardim 2 B (5 e 6 anos) apresentou grande interesse pelo o espaço do Pátio Naturalizado. Nossas crianças são muito curiosas e, quando visualizaram um chuveiro grande no pátio, logo questionaram: “Podemos ligar a chuveiro e nos molhar? Só as mãos ou o corpo todo? Os pés?”. Encantados com a confirmação da educadora – “sim, podem brincar na água e molhar todo o corpo, depois trocamos de roupa” –, soltaram gritos eufóricos.

O Rio Grande do Sul é um Estado onde as estações são severas, quando é muito quente (acima de 35 graus), quando é frio (muito frio próximo a 0 grau). Temos duas estações amenas, primavera e outono. Nossas famílias são preocupadas com as alergias, as *itis*, como falamos, bronquite, sinusite, rinite, entre outras, e foi conversado com os pais para que autorizassem as brincadeiras com água. Houve uma resistência no início, mas todos autorizaram, desde o berçário até os Jardins II, de 0 a 6 anos.

No nosso quintal tiveram diferentes experiências em contato com a natureza. Dentre todos os momentos, destaca-se o primeiro dia de brincar com água: foi um momento marcante, a felicidade estava estampada no rosto de cada criança que sentiu a água. As crianças criaram diferentes brincadeiras, socializaram e perceberam o trajeto da água, formando um pequeno rio por onde caminharam até chegar ao lago que formaram, conforme se observa na figura 1. Uma menina perguntou por que saiu água fria (temperatura ambiente) no chuveiro, sendo que em sua casa saía água morna. Foi respondido que em casa o chuveiro é elétrico, precisa de energia para a água ficar morna.

No laguinho, uma poça de água de mais ou menos 1 metro de circunferência, as crianças colocaram as bonecas para nadar, algumas delas sentaram na volta para observar a brincadeira, timidamente se permitindo molhar aos poucos. No chuveiro, brincavam de passar por baixo da água, para lá e para cá, entre risadas. Em seguida, pegaram um balde que encheram de água e jogaram sobre a cabeça, ficando encharcadas. Algumas falaram como estava boa a água, outras disseram que estava fria, começaram a tremer, foram para onde tinha um olho de sol, para se aquecerem e se secarem.

Uma criança, que no início queria molhar só os pés e as mão, após observar os colegas se divertindo, encostou a mão molhada na parede e falou “água pinta!”, indicando as marcas da mão molhada na parede, timidamente passou a molhar todo o corpo, sorridente. No trajeto da água, elas se deitaram e ficaram ali sentindo o movimento do líquido, pois ela se comporta como uma queda, por vezes em movimento ou quietas só sentindo. Partimos de um momento de conversa onde as crianças relataram diferentes hipóteses sobre a água, o que é, como é, se podemos pegá-la, sua cor, onde encontramos, temperatura e para que a usamos. Numa conversa entre duas crianças, ouvimos que “a água é incolor, ela é quente, fria, morna, a água da geladeira é gelada, morna no chuveiro e na torneira elétrica, quente na jarra elétrica e no fogão”. Uma menina relatou que “a água com fumacinha que sai da nossa boca durante os dias frios de inverno quando venho para a escola”.

Grande foi a emoção ao perceber que, além das atividades da nossa rotina como higiene e alimentação, também podemos brincar com este elemento vital. Desvendaram como a natureza se faz presente em nossas vidas. Através da experiência e da observação com os elementos que buscamos em nosso pátio, foi usada uma bacia grande cheia de água. E a professora perguntou: “será que flutua, será que afunda?”. Curiosas, as crianças ficaram experimentando quais elementos flutuam ou afundam, e criaram suas hipóteses, pegando as folhas e galhos que flutuavam, as pedras e os galhos pesados que afundavam. “Se é leve, flutua; se é pesado, afunda!”

“Precisamos resgatar o prazer profundo e o sentido de nossas ações

cotidianas, e fazer da natureza a nossa principal mestra, nos indicando os caminhos pelos quais a força da vida possa se expressar com delicadeza e potência.” (Rita Mendonça Educando na Natureza p. 12)

A criança, o brincar, a natureza: percebe-se esta potência se movendo na criança, está além da água, do fogo, das plantas, do ar. O adulto de referência deve se colocar em um lugar permissivo para enxergar essa qualidade de ver a natureza se manifestando, sendo investigadores do silêncio da observação. Cuidar, respeitar e amar este ambiente de contato com a natureza se faz presente no dia a dia desta turma que fez do pátio da escola, seu quintal, lugar de criação de memórias para toda a vida.

A água está presente em todos os ciclos da humanidade, significando nascimento, renascimento, purificação, até mesmo destruição, como nos temporais e nas enchentes. No meu quintal, significa brincadeira. As crianças têm na água uma memória corporal do que ficou registrado em seu inconsciente, quando ainda estava na barriga da mãe, em seu estado primário, o acolhimento para a brincadeira traz a calma, um resgate interior de seu percurso pessoal. O tempo da natureza se iguala ao tempo da criança; assim ela cria suas travessias, frutificando silenciosamente a construção do pedagógico.

Através da natureza e seus recursos foi oportunizado às crianças o explorar além dos muros da escola. “Mudou vidas...”, como falou a professora Janaína Sampaio. Ela traz a manifestação de liberdade, constância, e se encontra em todos os lugares, pequenos ou grandes, regenerando-se em sintonia com o tempo.

### CONCLUSÃO

Transpor o portal do universo das brincadeiras no seu quintal traz a criança a um macrocosmo natural de valores diversos, tempo, estado, espaço, vivências. Desperta o interesse a tudo que é vivo, o encontro com a sua natureza interna, a subjetividade existente em cada um. O quintal da escola, o meu quintal, o seu quintal e as possibilidades de desemparedamento são solo fértil, uma força elementar das práticas pedagógicas em comunhão com a natureza e seus elementos, terra, ar, fogo e água, incluindo o ser humano como o quinto elemento desse conjunto, testifica o universo condensado e materializado em consciência em suas memórias.



### REFERÊNCIAS

ZANON, Sibélia. Educando na natureza. São Paulo: Ecofuturo, 2018. Disponível em: <https://issuu.com/funverde2/docs/educando-na-natureza>. Acesso em: 06/10/2023.



11

## PERCURSO DE RIO: SENTIR PELA LINGUAGEM DA NATUREZA

Para sentir através da linguagem da natureza, é preciso fortalecer os nossos vínculos e os das crianças com o mundo natural. Mas qual é essa linguagem? O que ela pede e oferece? Como alcançar esse estado de presença e contemplação? De tudo que é efêmero no mundo natural surge uma poética: a água que empilha e pinta, a flor que cai e naturalmente adorna o ambiente. As crianças, com suas sensibilidade e curiosidade, são mestras nesse sentir, como se pode ver nos ateliês realizados, feitos de escuta ativa, respeito ao tempo e liberdade para ser autônomo.

## PERCURSO DE RIO: SENTIR PELA LINGUAGEM DA NATUREZA

**Tanise Reginato**

As crianças têm uma curiosidade aguçada por conhecer o mundo, investigar os espaços e os objetos ao seu redor. Nos espaços abertos, em conexão com a natureza, essa curiosidade pode se transformar em aprendizados e vivências que ampliam a experiência de muitas crianças nas grandes cidades, onde elas têm pouco ou nenhum contato com o mundo natural. Neste relato de prática, pretendo mostrar como tem sido possível ampliar essas relações através da observação de momentos de brincar livre e de propostas organizadas com intencionalidade.

As crianças na faixa etária de 2 a 3 anos com as quais estou convivendo como professora são curiosas, competentes e ativas, estão sempre em movimento, buscando desafios, desenvolvendo sua autonomia e explorando os materiais e materialidades que encontram. Apreciam estar do lado de fora, brincando ao ar livre, nesses espaços algumas coletam folhas e galhos, outras cavam buracos na terra ou na areia, buscam poças e acúmulos de água para molhar as mãos e testar possibilidades colocando objetos em imersão, observam flores e pequenos animais. Seus gestos, às vezes delicados, às vezes ávidos por conhecer, traduzem quais os seus interesses e demonstram alguns caminhos para o fazer pedagógico.

O interesse da criança por formas, sons, gestos, afazeres, cores, sabores, texturas, assim como suas perguntas sem fim, sua vontade de tudo agarrar e examinar e seu amor às miniaturas que comportam o grande em menor tamanho, pode ser traduzido por um desejo de se intimar com a vida. [...]. É um intimar para conhecer, pertencer, fazer parte, estar junto daquilo que a constitui como pessoa (PIORSKI, 2016, p. 63).

Por meio de registros e um olhar atento, tem sido possível perceber que as crianças pequenas observam, sentem e investigam o que é da natureza e essa curiosidade se potencializa quando oportunizada cotidianamente. Pensando nisso, realizei uma sessão ou proposta no espaço do solário dos bebês, para que os meninos e meninas do grupo experimentassem brincar ao ar livre, observando e interagindo com elementos naturais. Ao criar o percurso simbólico de um rio, utilizando o desenho de linhas circulares, pedras, tocos de madeira, pincéis e água. Em pequenos grupos, as crianças foram convidadas a agir sobre os materiais dispostos, interferindo na organização e movimentando objetos, sentindo na pele a materialidade fluida da água, transbordando, empilhando, molhando, marcando e se intimando com a vida, como escreve Gandhi Piorski.

As flores que caíam da árvore que fica junto ao local, ajudaram a compor a estética do cenário e fizeram parte das intervenções das crianças. Não foi preciso falar o que elas deveriam fazer, cada criança encontrou uma maneira de se relacionar com o espaço e materiais, embora todas elas tenham utilizado

os pincéis e a água para realizar pinturas efêmeras nas pedras, algumas se demoraram mais, outras foram mais breves, algumas caminharam sobre as pedras, outras as empilharam e pintaram com delicadeza. O tempo que transcorria ali, era um tempo poético, de corporificação de uma experiência sutil que tinha a intencionalidade de aguçar a sensibilidade e o sentir das crianças.

Para sentir pela linguagem da natureza, é preciso fortalecer nossos vínculos e os das crianças com o mundo natural, mas, qual é essa linguagem? Em seu trabalho de conclusão de Pós-Graduação, Juliana Sae (2023, p. 21) escreve que “calma, ritmo, transformação, símbolos, diversidade, criatividade, silêncio, caos e ordem” são algumas palavras que lhe vem à mente para discorrer sobre o que seria uma linguagem da natureza e foram essas palavras que permearam minha observação das ações das crianças durante a proposta com os elementos do percurso de um rio, criando uma ponte entre real e imaginário, e, realizando “um estado de entrega, sensibilidade e permeabilidade. Um estado de infância. Um estado de arte” (SAE, 2023, p. 21), necessários para brincar com a natureza.

As escolas de Educação Infantil, espaço privilegiado das infâncias, podem ser lugar de constituir relações cotidianas e de pertencimento com a natureza, onde o brincar com a terra, com a água, com as folhas e com pedras do quintal faça parte do dia a dia de bebês e crianças. Precisamos compreender que as crianças se manifestam pelo movimento, suas mãos pensam e seu corpo se relaciona com o mundo inaugural que ela, no começo de sua vida, está a desvendar. Enquanto docente de crianças bem pequenas percebo “a alegria, o maravilhamento e as inúmeras aprendizagens sobre si mesmo, sobre os outros e sobre a natureza” (HORN; BARBOSA, p. 83, 2022) que se desenrolam nos momentos em que as crianças habitam o lado de fora com liberdade e autonomia. Para isso, é necessário presença através do olhar sensível do professor e de uma escuta ativa das crianças para que infância e docência consigam aprender e sentir pela linguagem da natureza.



#### REFERÊNCIAS

- HORN, Maria da Graça Souza; BARBOSA, Maria Carmen Silveira. *Abrindo as portas da escola infantil: viver e aprender nos espaços externos*. Porto Alegre: Penso, 2022.
- PIORSKI, Gandhi. *Brinquedos do chão: a natureza, o imaginário e o brincar*. 3. ed. São Paulo: Peirópolis, 2016.
- SAE, Juliana Dias Garcia. *Tocar o mundo e deixar-se tocar. as artes manuais como ponte entre Infância e Natureza*. Trabalho de conclusão do curso de Pós-Graduação Lato Sensu: A Natureza que Somos: Filosofias e Práticas para uma atuação mais genuína no mundo, A Casa Tombada. Cunha, 2023. Disponível em: [https://acasatombada.com.br/wp-content/uploads/tainacan-items/22480/33342/Juliana-Dias-Garcia-Sae\\_Pos-A-Natureza-que-Somos\\_Turma-2.pdf](https://acasatombada.com.br/wp-content/uploads/tainacan-items/22480/33342/Juliana-Dias-Garcia-Sae_Pos-A-Natureza-que-Somos_Turma-2.pdf). Acesso em: 18/10/2023.

# FICHA TÉCNICA



## EXPOSIÇÃO

### Direção geral

Camila Alves  
(Vermelho Produções)

### Curadoria

Gabriela Romeu (Infâncias)

### Cenografia e projeto expográfico

Silvana Marcondes e Julio Dojcsar (Divadlo Produções)

### Pesquisa

Gabriela Romeu, Marlene Peret e Samuel Macedo (Infâncias)

### Educativo

Ana Carol Thomé (Ser Criança É Natural); Thais Caramico, Ana Paula Campos, Luísa Capalbo e Bruna Martins (Estúdio Voador)

### Identidade visual

Ana Paula Campos e Bruna Martins (Estúdio Voador)

### Coordenação produção local

Cida Herok (Cida Cultural Ltda.)

### Consultoria de captação de recursos

Yabá Consultoria

### Fotografia e edição

Samuel Macedo

### Fotos da exposição

Rafael Wilhelm (EXP Transmídia)

### Som direto e edição de áudios

Marlene Peret

### Ilustrações

Bruna Martins (Estúdio Voador)

### Trilha sonora das salas e da Oca

Nina Blauth

### Trilha sonora dos documentários

Samuel Macedo/Ijexá dos Meninos (Disco Cavalo Motor), de Makely Ka

### Vídeo projeção, animação e edição

Coletivo Coletores, a partir de ilustrações de Kammal João para o livro *Diário das águas* (editora Peirópolis)

### Coordenação da Monitoria do Educativo

Carol Martins

### Monitoria do Educativo

Carol Martins, Helene Biehl, Leonardo da Silva Vicceli, Mishta (Elisa Gottfried), Priscila Laurindo Pinheiro, Warley ' Janove, Ursula Collischonn

### Equipe de cenografia

#### Produção de cenografia

Bruna Recchia e Jorge de Paula

#### Confecção adereços barcos de madeira e remo

Vitor Ianoski

#### Confecção peixes

Bru Fiamini, Claudia Diniz, Cristina Decot, Lidia Yogui, Marcelo Leão, Marina Alegre

#### Confecção slides

Urga Maira

#### Aderecistas

Alessandra Rodrigues e Chico Macalão

#### Confecção espumas sofá

Joman Espumas

#### Cenotécnica

Julio Dojcsar, Michel Gonzalez, Claudio Nato

## Serralheria

Fernando Lemos

## Costuras

Atelier da Cecília

## Impressões

Namoa Digital

## Montagem

Marcelo Leão, Michel Gonzalez,  
Paulo Pereira, Serjão

## Manutenção

Paulo Pereira, Serjão

## Aprendizes

Emilly Vitoria dos Santos Paim,  
Janaina Vieira dos Santos, Luis  
Eduardo dos Santos Junqueira,  
Nicolly Santos Paim

## Técnico audiovisual

Deinin Willians Rodrigues  
Dornelles

## Crianças e adultos de Canoas, Porto Alegre e Riozinho que participaram das rodas de escuta, deram depoimentos e fizeram desenhos

Ademar Oliveira Santos; Adriani  
Rodolfo Alves da Silva; Adrielly  
Teixeira da Silveira; Ana Paula  
da Silva; Arthur Teixeira Garcia;  
Brenda Santos do Nascimento;  
Carmen Lúcia Rodrigues Oliveira;  
Chaiane Francine Leites Bento da  
Silva; Eliana Fernandes; Emanuel  
Lima Paim Lopes; Emily Brizuela;  
Felipe Oscar Brizoela; Gabriel  
Fernandes Brisuela; Isadora do  
Nascimento dos Santos; Janaina  
da Cunha Sampaio; Janaína  
Vieira dos Santos; Juliane Soares  
Falcão Gavião; Kássio Ferreira

Piceni; Kevin Junior Brisuela;  
Leonardo Mendonça Alves; Lorenzo  
dos Santos Paim; Lucius Ferreira  
Piceni; Luiza do Nascimento dos  
Santos; Maria Eduarda dos Santos  
Paim; Natasha Ferreira Piceni;  
Nick Fernandes Brisuela; Nicolas  
dos Santos Paim; Otália Ianoski;  
Paulo Denilto; Paulo Ritter; Priscila  
Fernandes Brisuela; Richard de  
Lima Paim Lopes; Rick da Silva  
Brisuela; Salomão de Souza  
Oliveira; Rosangela Camargo  
Fiuza; Samuel Lima Paim Lopes;  
Sara Nicolli Brisuela; Vitor Ianoski

## Povos, comunidades, associações, escolas e instituições que participam do projeto

Povo Guarani Mbya, Aldeia  
Pindoty, Riozinho-RS;

Associação dos Moradores e  
Pescadores da Praia do Paquetá,  
rio dos Sinos, Canoas-RS;

Colônia de Pescadores Z-5,  
Ilha da Pintada, Porto Alegre-RS;

Escola Permanente de Formação  
Docente Professor Darcy Ribeiro;

EMEI Teresinha Tergolina,  
Canoas-RS;

EMEI Vó Nelsa, Canoas-RS;

EMEF Sete de Setembro, Canoas-RS;

EMEF Nancy Pansera, Canoas-RS;

Comunidade da Barra de  
São Lourenço, Serra do Amolar,  
Pantanal-MS;

Comunidade do Remanso, no rio  
Marimbus, Chapada Diamantina,

Lençóis-BA;

Comunidade ribeirinha de Vila  
Nova, no rio Xingu, Senador José  
Porfírio-PA;

Povo Xikrin do rio Bakajá,  
Altamira-PA;

Povo Arara da Volta Grande do  
Xingu, Altamira-PA;

Povo Araweté, rio Xingu,  
Altamira-PA;

Povo Guató da Ilha Ínsua,  
Pantanal-MS;

Marujadas de Saubara,  
Recôncavo Baiano-BA;

Comunidade quilombola e  
moradores do rio São Francisco,  
Matias Cardoso-MG.

## PUBLICAÇÃO CARTOGRAFIA DAS ÁGUAS

### Textos

Ana Carol Thomé, Gabriela  
Romeu, Juliane Soares Falcão  
Gavião, Luísa Capalbo, Penélope  
Martins e Thais Caramico

### Relatos de prática

Adriana da Silva Guerra Dallacort,  
Aline da Silveira Smidt, Aline  
Larini, Ana Paula Centeno,  
Anaitê Rodriguez, Cláudia Maria  
Guardiola Soares, Enilda Storck,  
Janaína da Cunha Sampaio,  
Fernanda Alves, Franciele  
Vanzella da Silva, Jéssica  
Freitas, Jonathan Zotti da Silva,  
Rosângela Camargo Fiuza da  
Silva, Tânia Márcia Tomaszewski  
e Tanise Reginato

### Patrocínio



### Produção executiva



### Idealização



### Cenografia



### Coordenação local



### Educativo



### Parceria



### Apoio

